

Profun danças

DANIELA GALDINO
(ORG.)

3 ANTOLOGIA
LITERÁRIA
E FOTOGRÁFICA



100

Profun danças

DANIELA GALDINO
(ORG.)

3 ANTOLOGIA
LITERÁRIA
E FOTOGRÁFICA

Ipiaú, Bahia, 2019



FICHA CATALOGRÁFICA
Bibliotecária Eva Dayane J. dos Santos
CRB5 1670

2019 by Daniela Galdino

Capa, editoração e arte: Otávio Rêgo

Fotos capa e páginas-guia: Nátali Yamas

Modelo (foto página dedicatória): Alana Santos

Revisão: Daniela Galdino

Profundações é um projeto independente idealizado por Daniela Galdino e desenvolvido em parceria com a produtora Voo Audiovisual.

Este livro conta com a colaboração voluntária de escritoras, fotógrafas, artistas visuais e bibliotecária. Como produção independente, está disponível para download gratuito no link:

www.vooaudiovisual.com.br/profundancas3

P964

Profundações 3: antologia literária e fotográfica/ Daniela Galdino,
Organizadora - Ipiaú: Voo Audiovisual, 2019.
221 p.; il.

ISBN: 978-85-68836-02-6

1. Literatura brasileira. 2. Mulheres. 3. Fotografia. 4. Poesia. 4. Conto.
I. Galdino, Daniela.

CDD B869.1
CDU 821(81)



"Não serei interrompida"

Marielle Franco

Sumário

Apresentação

"oferta o medo ao mar"

A Luz Bárbara

A Luz Bárbara por Mylena Sousa

"grito aos quatro sóis o barravento"

Bárbara Uila

Bárbara Uila por Sílvia Leme

"Chove torrencialmente no texto"

Cynthia Barra

Cynthia Barra por Tacila Mendes

"a(r)dejo em rasgo de nuvens"

Daniela Galdino

Daniela Galdino por Eline Luz

"Eu não sou seu continente"

Ezter Liu

Ezter Liu por Mariana Souto

"Desalinhos estreitam universos..."

Francisca Araújo

Francisca Araújo por Ângelo Azuos

"deus é o coração do mar"

Géssyka Santos

Géssyka Santos por Luísa Medeiros

"Que se tore o machismo matador"

Isabelly Moreira

Isabelly Moreira por Maria Ruana

"Despi minhas peles, penas e folhas"

Joana Velozo

Joana Velozo por Diego Mallo

"Meus incômodos são as epístolas do falo"

Jovina Souza

Jovina Souza por Tom Correia

"canto para escrever no ar"

Marina Melo

Marina Melo por Laís Aranha

"Circunavegações me trazem sempre"

MonaRios

MonaRios por Yalli Borges

Sumário

"não sei cantar na língua sagrada"

Mônica Menezes

Mônica Menezes por Sarah Fernandes

"Nos interstícios de si, travessias e tramas"

NegrAnória d'Oxum

NegrAnória d'Oxum por Fafá Araújo

"meu verso é edema/Inchaço de dor"

Odailta Alves

Odailta Alves por Nathália Tenório

"Pois sonho em mim não tem fundo"

Odília Nunes

Odília Nunes por Renata Pires

"Há de se fazer silêncio para entender"

Paula Santana

Paula Santana por Álvaro Severo

"o amor era um murmúrio"

Raiça Bomfim

Raiça Bomfim por Nathália Miranda

"O gosto do ausente trava a minha língua"

Tatiana Dias Gomes

Tatiana Dias Gomes por Uíara Moura

"Sou mulher-alvenaria"

Tereza Sá

Tereza Sá por Analu Nogueira

"borboleta sem asas, serei meu jardim"

Vânia Melo

Vânia Melo por Brenda Matos

"Glosei o desatino das matas ferrugíneas"

Yasmin Moraes

Yasmin Moraes por Andreza Mona

Ficha Técnica

Sobre as Escritoras

Sobre xs Fotógrafes /

Sobre a Fotógrafa homenageada

Sobre a Equipe de Produção

Outros agradecimentos

Palavras, imagens: oferendas coletivas

Há 494 dias ecoa uma pergunta cortante e ainda sem resposta: quem mandou matar Marielle Franco? Para que essa pergunta não seja esquecida, dizemos: estamos conscientes de que as mãos dos carrascos não interromperam Marielle. De fato, ela virou semente e, em nome da sua memória de sonho/luta, estamos aqui.

O que temos a dizer nestes tempos de violência racial e de gênero que se associam aos ataques fascistas? Quais palavras brotam da nossa labuta diária quando o cotidiano é atravessado por incontáveis tentativas de aniquilamento das esperanças? Quais imagens podem representar as nossas formas de re-existência?

Este livro compõe a tríade desobediente e voltada à difusão da escrita de mulheres diversas e convergentes, cuja atuação sensível e política se dá à margem dos eixos dominantes (e limitados, ao nosso ver) de publicação literária. Enquanto houver concentração editorial – fator que tem alimentado a invisibilidade e o silenciamento de mulheres escritoras, sobretudo negras – haverá Profundações e faremos coro com outras ações que têm transgredido essa lógica excludente.

Profundações 3 soma-se às antologias literárias e fotográficas que lançamos em 2017 e 2014, compondo um mapeamento com dinâmica muito própria. Somos um projeto independente e colaborativo num país em que se elimina o Ministério da Cultura e outras agências de fomento. Ao mesmo tempo em que trazemos à tona este livro, seguimos lutando pela sobrevivência do que ainda restou de políticas públicas. Estamos nesses movimentos conjugados, mas como temos urgências, construímos o nosso caminho dissidente – a nossa guerrilha.

Nesta antologia estão 22 escritoras da Bahia, Paraíba, de Pernambuco, do Rio Grande do Norte e São Paulo. Em sua maioria, inéditas; três delas com livros autorais já em circulação; uma contemplada por um expressivo prêmio literário. Ao acessar os capítulos de Profundações 3, possivelmente xs leitorxs terão dificuldades em categorizá-las – isso porque tudo aqui se articula para reforçar a horizontalidade, os fluxos e os encontros entre mulheres que escrevem a partir dos seus lugares de diferenças.

As palavras que escrevemos ninguém pode apagar. E são essas palavras que agora, irmanadas com imagens, lançamos às águas, soltando-as no imedível para que reverberem no íntimo de outros seres sensíveis que estão nos lugares inimagináveis, mas que existem e resistem como nós.

Profundações 3 é o nosso livro-oferenda ao mundo, antes de tudo dedicado a Marielle Franco, que em 2019 teria completado 40 anos de idade. Para fortalecer os laços intergeracionais, nesta edição homenageamos Nátali Yamas, jovem fotógrafa negra com forte atuação em Itacaré e no território cultural do Litoral Sul (BA). Assim, ornado pelas várias mãos de escritoras, fotógrafes, produtoras e outres artistas visuais, este livro-oferenda toma corpo para alcançar margens, quintais, riachos, terreiros, mares, esquinas, encruzilhadas e compor diálogos. Queremo-nos confluindo as nossas diferentes formas de combates.

Agô! Pedimos licença às forças que regem o universo e fazemos o convite para que, juntes, naveguemos por estas águas cintiladas por transgressões, esperanças, desobediências, intensidades e singelezas.

Marielle Franco presente!

Daniela Galdino (Organizadora)



*A Luz
Barbara*

"oferta o medo ao mar"

Fálica

és fálica, companheira
percebes como tuas vértebras encaixam-se
umas sobre as outras e como tua
coluna desdobra-se diante de mim?
percebes como teus olhos elevam-se sem
ultrapassarem a linha dos meus?
percebes como teus dedos estão duros agora
que estás perto e me olhas de frente?
percebes tua carne rígida e teus peitos
erguidos?
percebes tua pele em riste e teus pelos
levantados?
percebes teu clitóris ereto?
és fálica, minha companheira
e porque tua postura é digna e altiva
permito
(quando já não cultuarem o falo usarei de outros
sistemas simbólicos para te
fortalecer, é o que me importa)

Farol

emana mama mana
abre teu bojo
deixa o sol de entre teus seios soltos se levantar
peito aberto para sentir
faróis acesos para iluminar
novas rotas novas formas de atravessar
e andar entre muitas águas
levitar
oferta o medo ao mar
espelha meus olhos molhados de te louvar
são lágrimas de lamber, camará
de beber e te banhar
duas luas cheias pra te revelar
que o teu amor por ti
só me faz bem
só me faz te amar

A Lux Bárbara

Minhas Mulheres

eu sou duas mulheres que se amam
duas mulheres que se amam moram dentro de mim
e se amam
e se mamam
e se olham
e se molham
não
é narcisismo
eu sou duas mulheres que se amam
e elas não são a mesma pessoa
eu sou duas mulheres que se amam
duas mulheres que se amam moram dentro de mim
e se amam
e se mamam
e se olham
e se molham
não é narcisismo
eu sou duas mulheres que se amam
e eu não sou a mesma pessoa
minhas mulheres estão grávidas

Carol

no fundo da minha alma mulher
na beira dos meus braços mãe
guardada em meus segredos irmã
solta na minha liberdade amiga
é você, menina
no fundo de tudo é você
no fundo dos meus olhos seios
na ponta da minha língua leve
dentro dos meus quatro lábios
vazante linha da minha retina
é você, menina
no fundo de tudo é você

A Luz Bárbara

Delírio

hoje fui à tua casa
novamente sem ser chamada
recolhi meus pedidos para entrar
recolhi do chão as roupas que tirei para te amar
recolhi as palavras que falei para me fazer conhecida
mas do tempo que passamos em silêncio
quando deitaste teu corpo sobre o meu
e com minhas mãos conheci tua pele
e com as fendas entre meus dedos e unhas
comi os tocos de teus pelos recém nascidos
deixei na tua cama cada segundo
para que tu recolhas

Sua Falta

não choro
tesoura na mão
corto
em quatro partes a linha d' água
de não te ver
das ruas estarem sujas
da rudez em primeiro plano
de você no fundo de tudo

A Luz Bárbara

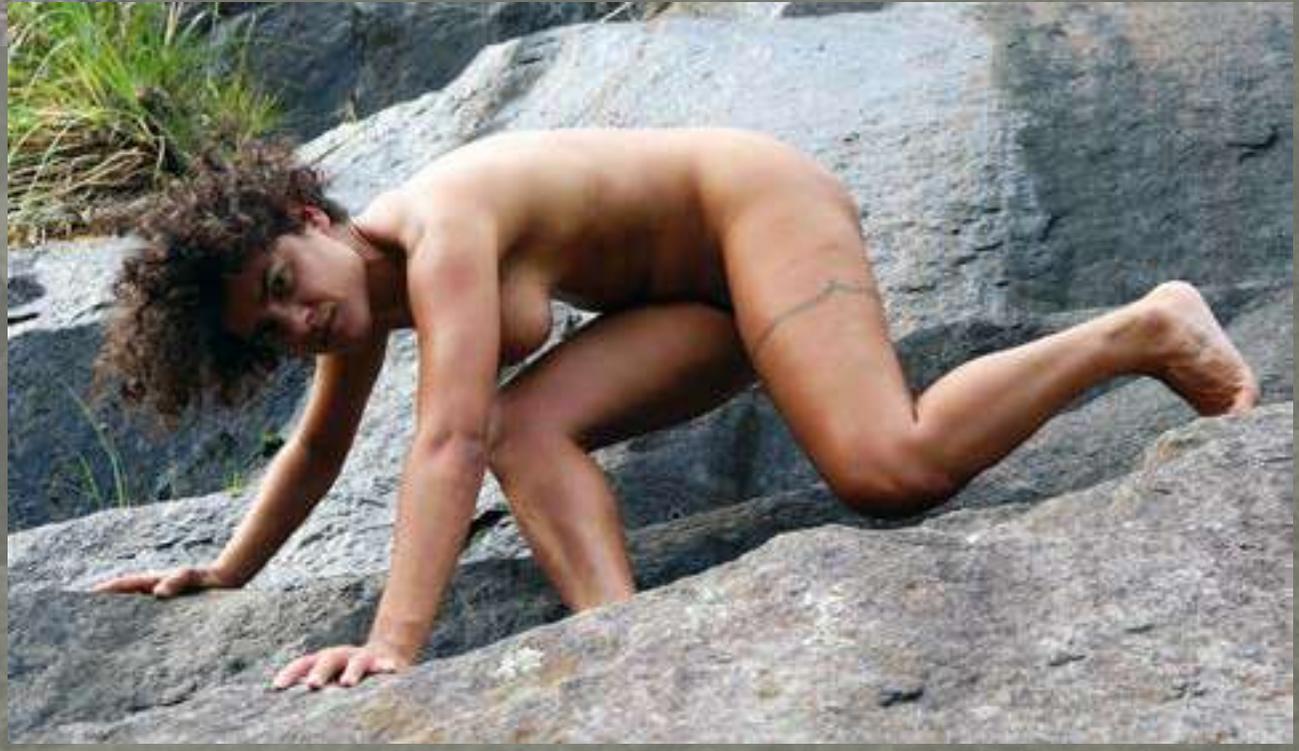


A Luz Bárbara

por Mylena Sousa









A black and white photograph showing a close-up of a hand holding a pair of glasses. The hand is positioned over a body of water, with ripples and reflections visible. The lighting is dramatic, highlighting the texture of the skin and the frames of the glasses. The background is dark and textured, possibly a surface covered in water or a similar material.

Barbara Vila

"grito aos quatro sóis
o barraento"

Céleres, nossos passos em busca

dos desencontros que fomos até aqui
arroubos de amor e melancolia a
varejo não bastam o tédio da tarde
em plena a cordilheira da casa
grito aos quatro sóis o barravento
que derruba o pássaro aos pés de
sua Mãe
a ração anda cara pra alimentar tantos
demônios,
ao que se segue minha vizinha grita pelo amor
a Jesus um punhado de glória no seu
dia-dia,
– sendo seus filhos encarando a maré
alta,
seja pra brincar ou pra colher peixes
esse que abastece o balaio da casa
o carro do pão passa apressado, não sente
que pode saciar tanta fome,
monstros vestidos de ursos de pelúcia
ninam sonhos da infância
enquanto isso:
a cidade arde entre o sol
e um rio de barriga cheia

CURRÍCULO

Balana
Bárbara
De família
A bastarda

Barbara Vila

NA MONTANHA DA CASA

escalar casa exige
uma comunhão
de janelas pela manhã
impressiona os pássaros
acordarem tão cedo
a orquestra de interfonos
e a ultragaz se oferecendo
logo cedo parece até brincadeira
o sedex já me soa
a turma do amarelo e
logo desconfio
o som do bule me lembra
um poema bonito uma pena
não lembrar dele todo
pego meu cesto de roupa
suja saio catando outras
que ficaram pelo caminho
persigo essa seta e
o alvo do dia nasce

entre atravessar um beco e outro

ruas perdidas do
século passado da infância
entre orla e rio paraguaçu
cidade do lado dos carros
suas pedras batidas; de sangue - sussurram gritos no
poema ancestral
um grande pixo no jardim de ossos
pragueja um poema de amor
apenas penso como o
caquende pode ser lindo
em tardes silenciosas e
como na varanda crianças
e bichos habitam o mesmo
ar
cadeiras de balanço à beira da porta
sentam memórias
tudo isso parece um filme
vindo da voz de caymmi...
as ruas do brega
e suas solidões acompanhadas
estalam poemas mortos

Barbara Vila

fiascos de chuva

umedecendo um
cais que vaga pela
manhã repleta de
garças
a linha do tiro fica
perto da minha praia
forte imponente
faz da linha uma
semente de sangue
ler um poema
do alto da ladeira
da minha rua
atravessar essa
rua e de uma ponta
a outra o sol e a lua
dividindo o dia
o poema bate de frente
com a realidade e encontra espelho

o punho afiado, afiando um
corpo presente que sente
fio condutor de uma sensibilidade
aguda infinitas são as coisas do dia-dia
(pia que parece instalação da última bienal de
artes do fim do mundo)
gardenal não aparece nas
letras sugeridas do teclado
do celular, o beijo de asas
fica pra próxima parada deste
carro que acelera diante de nós
eu sou um poema que esqueci
e a todo tempo tempo tento
entre raízes desabrochando
chão afora chão a dentro
sumo do bagaço de todas
as memórias desterradas
eu sumo de mim, de meu povo

Barbara Vila

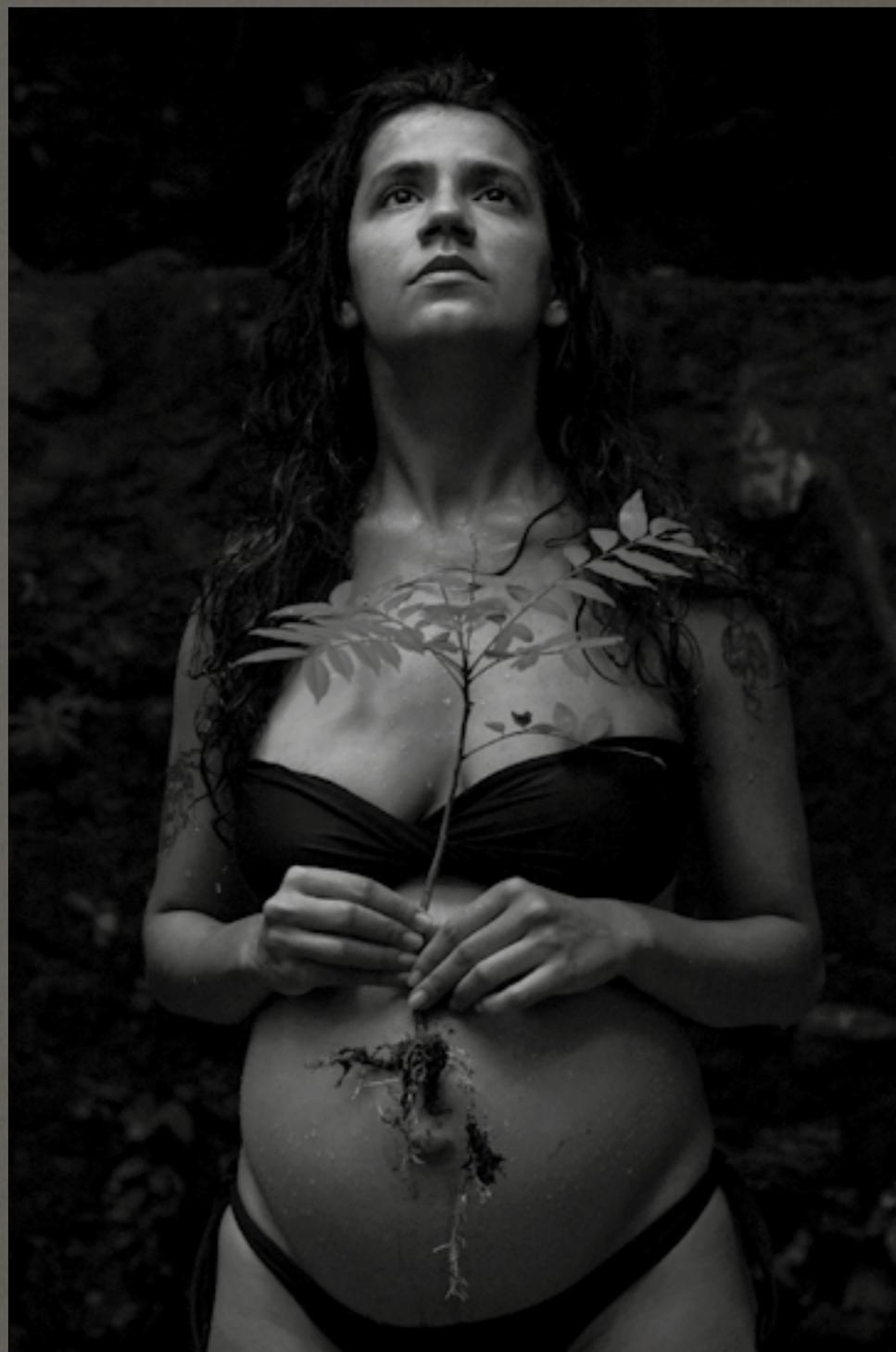
Barbara Nila

por Sílvia Leme











cynthia cy barra

"Chove torrencialmente no texto"



Escrita/ Escrever. s.f. Sobre a Escrita

após milênios, talvez ainda não saibamos pensar de outro modo: via espessa; onda surda; direito de dizer; comunidade. E o verso, e o verso, e o verso, com sua insistência aguda. A escrita é feita de vento, de ritmos e de abismos. A escrita é técnica e é nada. A escrita é a mão que escreve? Como pedras na paisagem, existe. Ela é. A escrita é vida e passa, como só ela, a vida, sabe passar? Os elementos scruptológicos se multiplicam em teorias. Águas. Águas e Águas. Chove torrencialmente no texto. Um mar de escritas. E a escrita existe, por assim dizer, sozinha, à exceção de tudo, como poderia ter dito Mallarmé sobre a experiência de escrever versos. A escrita é prolongamento da mão que escreve, extensíssimo ato. A escrita é o objeto. O sonho é escrita. A vida é escrita. O azul escreve. A escrita não é sequer uma reflexão e escreve. Por que escrevemos? Porque temos mão; e músculos; e lápis; e sonhos; e nada, com disse uma vez o poeta E. M. de Melo e Castro, num sopro. Sarça ardente. Desertos. Fulgor. Drama-Poesia. O infinito e ela: escrita. Ato vocabular. Ver também matema; língua; letra; lábios.

Meridiano azul

Empreendê-la
[a literatura, ainda uma vez]
nos confins da arte e da vida

A literatura e o direito ao silêncio
o reino animal do espírito
da angústia à linguagem

[para aquele que tem "o céu como abismo"]

Um passo em falso,
um passo além do sentido,
o fulgor, e ainda o fulgor,
como método de leitura

[e a partilha do mais difícil]

cynthia cy barra

Beijos de Peixe

Em duro chão.
Deitados. Entrelaçados. Sua boca entre meus seios,
traçando um desejo, com beijos de peixe.

O estranho ser marinho,
com voz de homem,
cantou uns versos, em ritmo de blues:

... cativas em redes, as palavras,
em gélido mar, esquecidas ...

Ouvi.

Novamente: no instante que une o sonho e o despertar: ouvi.

Tentava entender, afundando insistente minha cabeça no travesseiro.

Inútil. Só a beleza presente naqueles versos marinhos era capaz de alcançar-me.
Nenhum entendimento.

E eu sabia que devia fazer alguma coisa. Eu ainda não sabia que deveria provocar a fúria que resultaria no incêndio de nossas vidas, com poder suficiente para aquecer o mar. Eu sabia que era preciso entender. E, apenas, ouvia, ouvia, ouvia... espantada e feliz com tamanha imensidão de azul naqueles versos, naquele ser, incrivelmente, marinho. Encantada.
Até que a canção cessou e eu acordei de vez. Sem entender. Sem lembrar dos versos. Deliciada com a visão de uma canção.

Com os versos esquecidos inventei essa estória que não é a minha e talvez não seja a d'ele, mas que nos fez aparecer juntos em um mesmo sonho.

Um estranho ser, de cor azul marinho. Ele era assim. A cor era o que eu mais amava n'ele. Me fazia lembrar os mistérios do mar, o céu de quase noite, me fazia imaginar histórias felizes e inacabáveis. Contudo, cor pura não era. Ele era mais: um monstro. Havia feito, há demasiado tempo, porque perdido para nós, havia feito uma dessas antiquíssimas intervenções cirúrgicas que extraem, em vida, o coração dos homens:

deixa-lhes, no peito, com uma cava de monstro, de onde só saem pelos extraviados e solitários. E beijos de peixe.

Dormindo, em meu quarto, toquei aquela cava, acariciei e quase a beijei. Ele não me deixou prosseguir. Levei-o a uma cama que surgiu próxima a nós, escorregamos para o chão. No duro chão, ali, quase fizemos amor. Eu não o deixei prosseguir. Não tínhamos camisinha.

- "Por que isso agora? Já comi você tantas vezes". Eu lhe disse: "não". Sussurrando, falei: "nunca havíamos nos amado até o fim". Nunca havíamos nos amado. Não sei se ele entendia o que eu estava dizendo, nem sei por que lhe dizia o que dizia. Virei-me para o lado e pedi a um garoto que surgia saindo do negrume da noite que nos comprasse uma caixa de camisinha em alguma farmácia do bairro. O garoto me pareceu gentil e eu lhe agradei. Ele, ele olhou-me profundamente, e em silêncio, deixou-me só. Fui tomar uma chuveirada. Quando voltei a seu quarto, ele tinha visitas: o goleiro da seleção brasileira chegara para o jantar. Ele, o garoto, eu, além do goleiro da seleção brasileira, num quarto, era gente demais. Fui vestir uma roupa e colocar um absorvente, começara a sangrar

por entre as pernas, em profusão. Deixei-o preparando um cigarro. No meu quarto, que apareceu ali, ao lado do d'ele, também havia visitas: o goleiro reserva da seleção brasileira e o ex-marido de uma amiga. Imaginei uma festa do outro lado da cidade, para manter longe toda aquela gente que não cabia no sonho. Seria uma bela festa. E pensei n'ele: devia ainda estar preparando o cigarro. Continuei, então, pensando:

A intervenção cirúrgica costumava danificar algo na vivência temporal dos que sobreviviam. Com ele fora assim, deste modo: o agora, o presente era o que lhe restava do tempo. E ele não se importava. Até gostava. Entretanto, para conseguir suportar as dores que nasciam da ausência de passado e de futuro, ele desenvolvera uma opacidade em sua memória, uma covardia em seus gestos e um cataclismo em seu corpo sempre que eu soprava em sua direção palavras. Sempre tão minhas. Por pouco, nossas. Palavras de amor. Amor que atravessa, sem rota fixa, o tempo. Palavras de fogo. Fogo que aquece as águas. Palavras azuis, em outro tom que não o marinho. Outros tons, dança de azuis.

cynthia cy barra

E, pensando, atravesssei definitivamente a fronteira. Pisando em duro chão, percorri o espaço que me levou da cama à escrivaninha. Demorei muito. Um espaço mínimo. Dias. Em íntimo espaço. Os versos marinhos são pertences do sonho. O lamento eterno do estranho ser com voz de homem e beijos de peixe.

Desperta. Nem mesmo no universo fantástico, impregnado de grafite, celulose e devaneios, onde vou desenhando abrigos e descampados, em ritmo imaginário de blues, consigo recordar, em perfeição, as imagens da canção que ouvi naquela noite. Perderam-se: como nós. Invento:

... cativas em redes, as palavras,
em gélido mar, esquecidas ...

vermelho sangue

na avenida acometeu-se o impossível: um verbo solto. um grito. o agora. lembro do trajeto e desvelo o inaudito. a agulha era fina e imprevisível. a linha soltou-se. a linha solta continua a costurar amarrar prender o ventilador que traz todo o ar. agora sem ar. agora com a garganta aberta sem ar. agora a agonia das que não conseguem mais respirar. a linha presa no ventilador finalizou a vida. de uma outra forma pode-se contar uma outra estória, isso porque as palavras dos homens não fazem sentido. descobrimos: palavra solta, palavra feita para virar romance ou poesia ou mesmo jogo de esgrima. este negócio de brincar com as palavras é escabroso: em dias tristes, escrevem-se rimas, em dias alegres, poemas completos, em dias nublados, a morte invade a alma. o doido é ser doida e continuar a entender o mundo. decifrá-lo. ali no hospício uma mendiga disse: "estrutura que é estrutura? estrutura é o homem bem-apeado, com condições, é a pessoa psicológica, é o grito da águia". aqui, não. pulei o muro, troco de assunto, digo oi e adeus, talvez eu não desista da rima, talvez vá ao mar ou ao cinema. quer ir comigo?

cynthia cy barra



cynthia cy barra
por Tacila Mendes









*Daniela
Galdino*

"a(r)dejo em rasgo de nuvens"



arpejo

a boca do sertão
impiedosa
engole meus desalinhos

arco verde, flecha tonta
sagas abertas coração ferido

urgências de canto
estufa esquife estúdio

a boca impiedosa
diz culpa
se eu resistir

monotema

tu, morto de véspera
calado e constelado
sopras ao canto
um fiapo de ontem
um fiapo de homem

levas no corpo esse abismo
cisco de mergulho ávido
ventanias de dentro
incêndios no quintal

o mundo é esteira noturna
ruído coarado em sereno
manga explodindo no chão

amanhã te encontro de vez
voraz, abrirei teus cachos
chuparei teu sumo
beberei teus grânulos

re-colhida, vomitarei
saudade no pomar etéreo
gemidos na rede elétrica

Daniela Galdino

abissom

"Ouço que tempo imenso
Dentro de cada som"
(Caetano Veloso)

acumular não nos mata
engorda vontades
na curva dos dias

faz pouco lembrei:
manobras de saliva
beira de camabismo
a suportar enroscamentos

teve dilúvio nas cavidades

peguei no dilúvio
veio terremoto ameno
já dissipado em meus quintais

se morrêssemos disso
não acumulava

firmam-se estrondos
cinco minutos, uma praga:
que o relógio desande

esta mensagem escrevi
gotejando portos azuis
em desforra

bom dia!
agora volto a dormir

Daniela Galdino

off sina

do prazer sou artífice
liberto-me na forja
soul. recomeço. quando

aspiro ciscos debaixo da relva
a eles dedico atenção grávida
o recôndito sustém meus desejos

a boca verte o gosto dos atalhos
se amo, é pra desandar lugares

dilato-me ouvindo a matinada
sina ou sonho de quem goza

mas se me envolve na roleta
projetas angústias de macho
e soterras o grão fortuito,
volto sete casas no fascínio
avio, congênere já não sou

desajunto para lançar o bote:
escapulir para flor e ser

avoreio

ouço teus voos rasantes

sou o que soa:
quintal de ervas daninhas
cisterna de afetos ebulidos
pasto de risos alaistrados

aterrissagem no ventre

nós ao rés do chão
você, de olhos a fechar,
se põe além do meu morro

galo entoa ribanceiras
ali deitamos frascos
beijos de língua, chamuscas
cartas extraviadas, sustos

tudo jaz em ameaça de florir

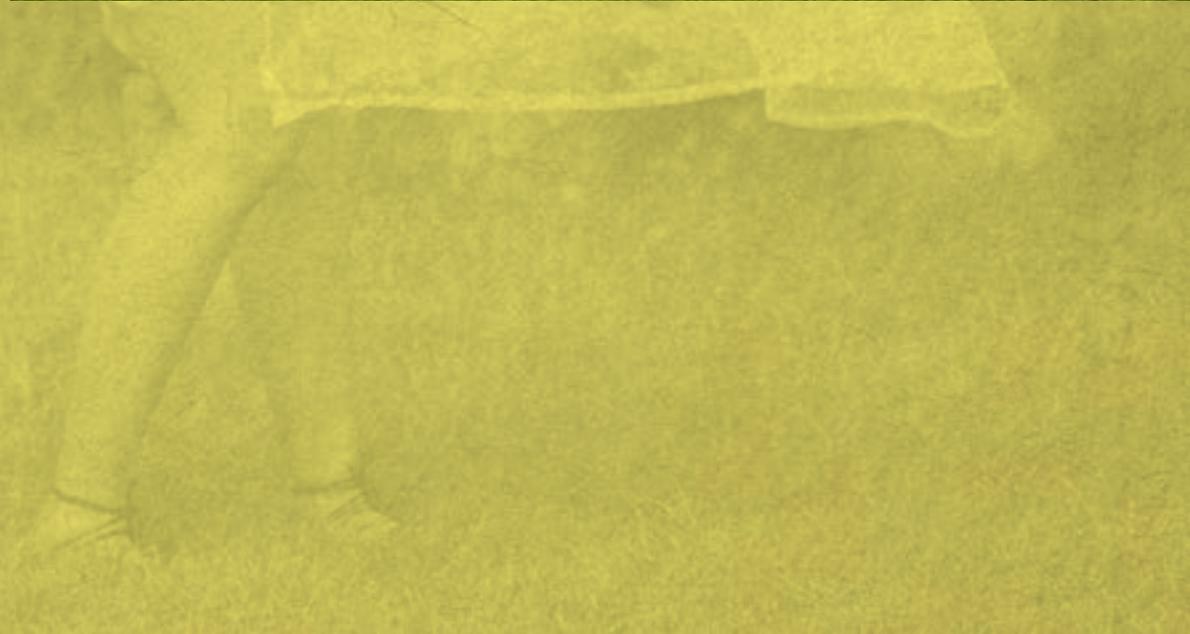
exausta para lampejo iminente
a(r)dejo em rasgo de nuvens

sou o que doa:
senda noturna
mergulho cego
lapso de amor

Daniela Galdino



*Daniela
Galdino*
por Eline Luz









Enter Lin

"Eu não sou seu continente"



ILHA

Não me encha de flores de filhos nem de fados
Não me ofereça prendas nem bodas
E não me envolva com esses mil abraços de me impor limites
Eu não sou seu continente

E não me venha com esses aviões em esquadra sobrevoar meu território
Não despeje suas bombas sobre minhas vilas e
Nem tente invadir minhas normandias
Eu não sou seu continente

Não invente capitânicas e não desenhe mapas com esse vinco no lençol de
linho pra demarcar minhas superfícies
Não proponha tratados com letras do tamanho de formigas nem pactos
nem acordo de paz nenhuma
Eu não sou seu continente

Não ultrapasse minhas fronteiras não exploda minhas pontes não tente
arapucas artefatos bélicos minas terrestres
Não subestime minhas trincheiras
Eu não sou seu continente

Não quero sua catequese nem sua crítica nem sua nota nem sua poda
Nem seu afago nem esse beijo de dizer amores que me deixa muda
Não planeje embargos nem emboscadas
Não queira ocupar meus peitos nem meus pátios
Eu não sou seu continente

Não venha não avance
Não queira que eu seja sua terra prometida
Eu não sou
Já disse: Não sou seu continente

Eu sou essa ilha pequena e vivo à mercê do mal tempo
Eu sou essa ilha que sabe onde ficam os limites
Eu sou essa ilha cercada de
tralhas por todos os lados
Eu sou essa ilha pequena onde não se chega a nado
Eu sou essa ilha pequena
E nenhum porto te ofereço
Eu sou essa ilha pequena
E é assim que eu permaneço

Exter Lin

VAMOS

Vamos precisar de muito barro
para tapar os buracos desse tempo que começa
Vamos precisar de corações e braços
ambos abertos
para acolher os amigos nesse tempo que
começa
Vamos precisar de duas mãos esquerdas para
escrever a história
desse tempo que começa
Vamos precisar de abelhas, beija-flores e bons
ventos
Para ver florir de novo
Vamos precisar de cabeças sóbrias e corações
imensos
para que as razões da luta não sejam
esquecidas
Sim. Estaremos atordoados algumas vezes, mas
não perderemos o rumo
Sim. Estaremos enfraquecidos algumas vezes,
mas não nos daremos ao luxo da desistência.
Vamos manter em nós duas certezas firmes:

que as coisas são cíclicas como a vida
e que é da natureza do tempo: aliviar.
Vamos cantar, semear, festejar, escrever, beber
-bem aqui onde estamos -com os nossos!
Vamos fazer poemas de novo
um poema-pétala:
(mais duro que a sola de um coturno)
um poema-bomba:
(para lançar estilhaços sobre esses devotos -
meio mortos quase vivos)
um poema-leve
(tecido de enxugar lágrimas e renovar
esperanças)
Sim. Vamos fazer poemas de novo
(não há hora errada pra fazer poemas)
Sim. Vamos ver florir de novo, depois.
Porque primeiro, não se engane: os bons ventos
serão tempestade
As abelhas serão um enxame
e os beija-flores terão asas de navalha.

Exter Lin

FORTALEZA

Uma mulher tem que ser sua própria muralha
porque em tempos de fogueira há que se
defender das tochas
e estar atenta à chuva de flechas do pelotão
das culpas inventadas

Uma mulher tem que ser sua própria muralha
porque a propaganda invade o forte pelos
flancos
E o canteiro de obras tem nos olhos uma fome

Uma mulher tem que ser sua própria muralha
pra que os tentáculos das paixões doentes se
enganchem nos grampos
e o amor encontre um jeito de atravessar o
fosso

Uma mulher tem que ser sua própria muralha
construir trincheiras enquanto gera e alimenta
porque a prole é jovem e os predadores são
ávidos

Uma mulher tem que ser sua própria muralha
pra defender seu império e descobrir seus
aliados
porque o inimigo sorrindo delicadamente
destroça

Uma mulher tem que ser sua própria muralha
pra se precaver de nódulos, cistos e endométrios
endurecidos
pra inventar pátios internos e jardins floridos

Uma mulher tem que ser sua própria muralha
enquanto pensa, enquanto cresce, enquanto
ensina, enquanto fala, enquanto ama

Uma mulher tem que ser sua própria muralha
e ser também a sentinela
com os pés firmes no topo do mirante
E os olhos no horizonte.

Exter Lin

VULVAS BRANCAS DE PAPEL

Tenho quarenta e cinco anos e sonho acordada. Ainda. Tenho quarenta anos e nenhuma certeza. Nenhuma. Tenho vinte e sete anos e não me suicidei. Apesar. Tenho pesadelos e terror noturno. Tenho trinta e seis anos e um relacionamento abusivo. Não me calo. E não resolvo. E não me mudo. E não me conformo. Tenho dezenove anos e coleciono isqueiros vazios. Coleciono isqueiros. E coleciono vazios. Tenho vinte anos e aprendi a odiar o formato dos meus seios. E aprendi a odiar a finura dos meus lábios. Meu coração Himalaia. Meu coração vale do Catimbau. Meu coração dimensão estranha. China plástico neon coqueiral. Tenho setenta anos nos domingos depois do jantar. Lenta. Premeditada. Disfarço a imprecisão das mãos. Tenho trinta pontuais anos no expediente. Me sirvo de bandeja. Sem atrasos. Tenho quarenta e três anos e calos nos cotovelos. Me sirvo com gelo no balcão do bar. Tenho cinquenta anos. Preciso parar de beber. Tenho dezesseis anos. Preciso parar de fumar. Tenho sessenta e sete anos. Preciso acreditar nos santos. Em deus. Em mim. Sei lá. Tenho nove anos num dia chuvoso de abril. Faço uns barcos de papel ofício para o rio que corre no canto do meio fio. Os barcos seguem trêmulos sob a chuva fina. Seguem lentos. Leves. Alvos. Alvos como vulvas brancas abertas para as águas

da chuva. O rio do meio fio arrasta as vulvas de papel ofício abertas e livres para o final da rua. As vulvas brancas abertas e livres desaguarão mais abaixo. Avenida larga. Desaguarão depois. Outros afluentes. Desaguarão além. Desaguarão Mar (Mar?). Tenho sessenta e cinco quando os ventos secam as calhas. Quando o sol evapora o rio inteiro. Tenho oitenta anos e um coração amarelado e seco. Um coração viúvo. Tenho sete anos e um coala de pelúcia. Não sei dormir. Tenho cinquenta e dois anos. Saias embainhadas à mão. Troco os móveis de lugar. Driblo o tédio. Driblo a rotina esmagadora das semanas. Tenho dezessete anos. Aprendi substâncias químicas esse verão. Vejo cores na casa de um amigo toda quinta de tarde. Depois transamos. Não vamos estudar. Tenho trinta e três anos e me sinto segura. Conteí uma mentira e todo mundo acreditou. Me escondo atrás dela agora. Corto cada ponta do fio. Arremato a historia inteira. Tão bem contada. A história é a verdade possível. Tenho treze anos e caio todas as tardes num buraco negro. Tenho oitenta anos e meu rosto congelou no tempo. Congelou cinquenta. Amém. Tenho noventa e três anos e longas novenas todas as noites. Novenas soníferas somente. Nunca tive fé. Sonho acordada com vulvas brancas. Barquinhos de papel. Barquinhos de papel dobrado. Parecendo vulvas. Vulvas brancas descendo a rua estreita debaixo de chuva fina num mês abril.

Exter Lin

Exter Lin
por Mariana Souto













*Francisca
Araújo*

"Desalinhos estreitam
universos..."

LABIRINTO DE SILÊNCIOS

Ânsia louca que emenda as linhas tortas
Dos insanos rascunhos destes versos,
O que sabes de mim? Por que te importas,
Se dos males padeço os mais perversos?!

Desalinhos estreitam universos...
Os enganos rabiscam minhas portas.
Sonhei com campos vastos e diversos
Vi poeira cinzenta e flores mortas!

O destino sorriu da minha sorte,
Desfez planos, por fim, abriu um corte
Mas, ninguém dessa dor sente o que digo...

Às paredes confesso o meu dilema,
Foragindo de mim acho um poema
E em silêncio o papel chora comigo.

DESEJO ANTIGO

Não, não vá! Não agora! É cedo ainda!
Quero ser guardiã dos teus cansaços...
Já faz tempo que espero em tua vinda
Balançar-me na rede dos teus braços.

Quero o sol da paixão, que nunca finda,
Aquecendo os lençóis dos teus abraços
Pra não ver na manhã da noite linda,
A saudade deixar-me em estilhaços.

Eu, nas horas de insônia, já não nego
Cada parte de mim é um eixo cego
À procura de amor para sonhar...

Mas, é pena que embora queira tanto
Essa lua, do céu do teu encanto,
Nasça longe da luz do meu olhar.

Francisca Araújo

CÂNTICO DE LUTA

Se for só por um dia, meu protesto:
- Onde está realmente a consciência
Que não nota, nas dores da existência,
O clamor que está vivo em todo o resto!?

Consciência se dá na coerência
De lutar, através de qualquer gesto,
Contra o ódio que fere o manifesto
Dos quilombos da negra resistência.

A história tem culpa escancarada
Mas, talvez, poderá ser perdoada
Se tivermos, por fim, igual direito...

Já não basta dar voz a um só dia
Pois, em todo momento a covardia
Se disfarça na cor do preconceito.

DA SILVA BRASIL

A camisa da firma e o boné,
Que gostava de pôr quando saía,
Foram esses os trajes que José
Colocou na manhã daquele dia.

A mochila pesada não podia
Com o pão embrulhado pra o café
Mas, enquanto o cansaço lhe doía
Resistindo seguia e tinha fé...

Em seus turnos, José, nunca faltava,
Era um pai de família que lutava,
Era farto de amor da mãe carente...

Mãe, agora, que chora ao ver o gorro,
E outra bala perdida achar no morro
O destino de mais um inocente.

Francisca Araújo

TODOS OS DIAS SÃO DE LUTA

Não! Não dê flores belas sem afeto
Pois, o ramo sem flor murcha no galho...
Pétalas não, não têm alma de objeto
Porque podem chorar gotas de orvalho.

Não esconda por trás da rosa a culpa
Pelos atos machistas de um regime...
Rosas não forjarão uma desculpa
À carícia que sela a mão do crime.

E ao invés de somente cumprimentos
Faça parte da voz dos movimentos
Defendendo os direitos entre iguais.

Não queremos ter flores que nos firam.
Os silêncios que já nos consumiram
Hoje não poderão nos calar mais.

Solitude

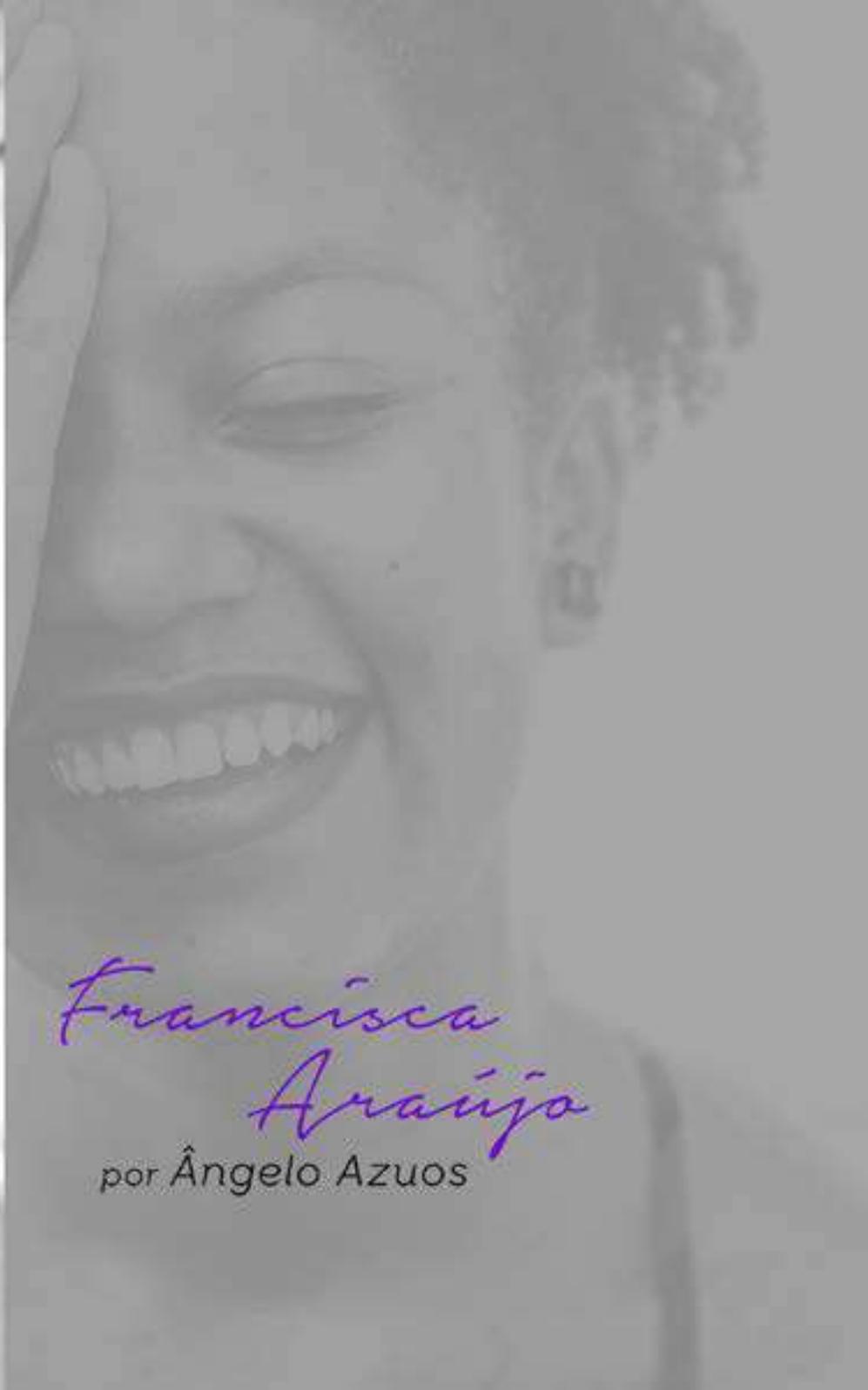
Andei só nesse vale de quimeras
À procura não sei, talvez de sonhos...
E ao perder-me por dentro dessas eras
Tropecei nestes teus olhos tristonhos.

Olhos tristes iguais às primaveras
Em que não tive meus lábios risonhos,
Invadida por dias enfadonhos,
Adiando o cansaço das esperas...

Muitas tardes tranquilas ressonavam
Quando os raios poentes desmaiavam
Na varanda do céu alaranjado,

E eu sentia meu peito soluçando
Pois assim como o teu, que vi chegando,
Era triste porque não tinha amado.

Francisca Araújo



Francisca
Araújo
por Ângelo Azuos











Géssyka Santos

"deus é o coração do mar"

as mulheres que em mim habitam

dançam sobre a fogueira do ventre
e escorrem corpo adentro feito suor
enquanto me toco profana
descobrimo o prazer
o gosto
o gozo

as mulheres que em mim habitam
queimaram sutiãs
romperam os limites do corpo
retiraram as vendas dos olhos
revelando o paraíso de meus pequenos peitos
das celulites
estrias
dos dentes tortos

as mulheres que em mim habitam
peregrinam sob a pele
transmutam ideais distorcidas
explodem tesões reprimidos e
com mãos-unhas-dedos
me desconstroem
refazendo-me inteira

dona do corpo
do passo
da mente.

quando meus lábios beijam

outros lábios femininos
o bico do peito quer ser brinquedo
na língua macia
quando minhas pernas
encontram outras pernas femininas
[as tuas]

queremos ser beira de rio
regadas pela água salobra do suor
quando me rendo a outros braços femininos
sou partícula infinda
livre na planície do teu corpo
e do meu.

Géssyka Santos

o tempo sopra em meus olhos

arrastando consigo
camada pós camada
as cores dos meus dias
levando-me a face de quem amo
o reflexo de quem sou
cedendo toda leitura à ponta dos dedos ásperos
e a fotografia ao tato frio do corpo quente do
outro

a surpresa do tempo é isso, não é?
o abster-se da luz
das horas
das contagens ansiosas do tempo
é dobrar os anos como um papel de origami
que vira qualquer outra coisa
além do objeto pálido liso e retilíneo
é saber contemplar o universo num suspiro
na lembrança do cheiro do café coado de vó
do sopro
da vela
do abraço
do adeus
a surpresa do tempo é isso, né?
perder-se nos labirintos
traçados no rosto.

desabitar um corpo

é desacostumar o tato
a percorrer um caminho conhecido
é retirar de seus poros o cheiro
impregnado do sexo do outro
do sexo da gente
é carregar o peso morto
de um corpo inabitável

é ter reações controversas ao querer
sorrir desconcertado
quando sua boca quer um beijo
transpirar de ansiedade
quando deveria ser desejo
é jogar fora o mapa do corpo do outro
e fingir que não decorou
cada relevo.

Géssyka Santos

não sei ao certo

quantas folhas de calendário
já caíram aos nossos pés,
quantos sábados
já gastamos entre lençóis
quantos domingos tristes já te acalentei nos
braços

perdi as contas
das contas do quanto nos resta no banco
de todos os abraços das pernas
dos braços
dos olhos
de quantas vidas vividas em tão pouco tempo
de tanto tempo partilhado ao seu lado

perdi as contas
de quantas folhas de calendário forram nossos
passos
e sei que haverá
mais uma infinitude delas
em nosso caminho
pois 12 meses é muito pouco pra nós.

deus é o coração do mar

o azul-infundo onde mergulho e me expando
a transversal do tempo que me ensurdece
o grito livre o rito o abraço apertado
deus é macabéa cobrindo-se para sempre de
asfalto quente
é um quarto de despejo e de hospitais clandestinos
é meu útero
do tamanho de um punho
é onde renasço
e onde morro
todos os dias

deus é verbo
é tinta
é nota
eu sinto!

deus
pra mim não é um deus:
são deusas

Géssyka Santos

Géssyka Santos

por Luísa Medeiros











A close-up photograph of a person's hand reaching into tall, golden grass. The background is a soft, out-of-focus sunset with warm, golden light filtering through the grass. The overall mood is serene and contemplative.

*Isabelly
Moreira*

"Que se tore
o machismo matador"

É Por Aí

Eu prefiro a arte que incomoda
A poesia que pinça meu conforto
Eu prefiro o corte que me poda
Do que ter cicatriz em corpo morto

O amor que me faz revolução
A palavra na rua em movimento
E um galho de arruda em proteção
Como força de fé e pensamento

O segredo contado entre linhas
E a guerra na caixa das marchinhas
Sons que pintam seus tons de irreverência

Do não óbvio, prefiro, em mim, sentir
E o desejo que ainda está por vir
Eu prefiro o que não tem preferência

Naufração

Correntes quebradas, chicotes calados
E mais outros símbolos enfeitam museus.
Aos pés dos algozes, distantes de Deus,
Dandaras são mortas, Zumbis maltratados.
As cores dos sangues, jamais misturados,
Encobrem de luto os céus de tocaia
Sobre os mesmos mares, os ventos dão vaia
Aos tantos "navios negreiros" imersos
Sem vate e sem sonho, apenas os versos...
Nadamos, nadamos, morremos na praia.

Isabelly Moreira

Cotidiana

Nós mulheres morremos todo dia
Pelas mãos de maridos, namorados.
O jornal sanguinário anuncia:
Mortes, mortas, destinos desgraçados.
Uma ossada encontrada num terreno;
Um pulmão perfurado leva um dreno;
Na cintura: uma faca dele, nela;
Os sinais de defesa em cada mão,
Ironia cruel da criação
Quando a fêmea fratura uma costela

Justo nela? Do elo em criatura!
Sim. O barro que faz é o que enterra
E o homem que beija é o que tortura
E que tenta explicar da vez que erra,
Joga a culpa pra ela e pra o ciúme
Culpar vítima aqui virou costume.
Sinto nojo da frase de um carrasco
Que vomita jargão de um bem eterno
E o que foi paraíso vira inferno
Se a palavra do amor se torna asco.

Um fiasco contorna a profissão
Que também é cenário de assédio.
Vira e mexe a figura do patrão
É a causa de um trauma sem remédio.
Mexe e vira, o transporte coletivo,
Filas bancos e becos são motivo
Para que a mulher se apavore
Com o gesto obsceno do agressor
Ou qualquer falsa forma de amor
Faz com que cada caso só piore.

Que se tore o machismo matador
Inquilino de irmãos, amigos, pais...
Que o Estado se torne protetor
Para que não sejamos numerais.
Que a voz da mulher não silencie,
E nenhum dedo em riste atrofie
Frente à cara covarde e à covardia.
Toda causa exige compromisso
E enquanto alguém se cala omisso
Nós mulheres morremos todo dia.

Isabelly Moreira

Vida Mulher

A vida é figura fêmea
E ninguém diz o contrário.
É mulher que dá à luz,
Pode riscar calendário:
Entrando e saindo mês,
Cada um vai ser freguês
Pra receber claridade
Na hora do nascimento.
O mundo em contentamento
Honrando maternidade.

São muitas vidas paridas,
Outras mais em gestação.
Mulheres de sangue forte.
Correnteza de emoção
Inunda a alma de enfeite
Nos seios das mães de leite,
Bocas de filhos famintos
Sob a quentura singela,
Feito galinha que zela
Uma ninhada de pintos.

Toda vida é uma só,
Não existe hierarquia.
Seja elefante ou formiga,
Seja urso ou cotovia,

Toda rosa é primorosa.
Rosa flora, ou dona Rosa
Lá da bodega da esquina,
João de Barro ou João de osso,
Cada qual tem peito grosso
Para enfrentar sua sina.

Vidas que já nascem gêmeas
São vidas que se atraem
Antes mesmo de nascer
Ou mesmo depois que saem
Do ventre do amor fecundo
Para fecundar o mundo,
Semeando o mesmo amor,
Procriando novos laços
Aos corpos que dão abraços
No coração criador.

A vida não enviúva,
Nem se separa da morte.
Esta dona da viagem,
Aquele do passaporte.
Mas, se o tempo for morto,
O destino faz aborto,
Restando a sorte caçula
Para adotar uma crença
Que renove a diferença
Conforme a saudade adula.

Isabelly Moreira

Mesmo que nasça menino,
Moleque, macho e varão,
Terá uma essência fêmea
Porque vida é criação.
E lembre: vida é mulher!
Por tudo que se disser,
É mãe de fato e direito.
No vínculo não tem divórcio,
Tampouco admite sócio
Confinado em preconceito.

Reticências

Não foi fácil reler a carta dela
Comedindo o estímulo à narrativa.
A palavra se dita, é força viva
E o meu corpo vive a falar nela

No momento, um ímpeto me atrela
E avanço o parágrafo, pensativa.
A memória se torna mais ativa
Estremeço no líquido que gela

O suor, a dormência e o inchaço
Dão aos dedos mais ritmo e mais espaço
A leitura é pausada e repetida

Junto as folhas no punho num instante
É difícil passar página adiante
Quando a mão já se encontra distraída

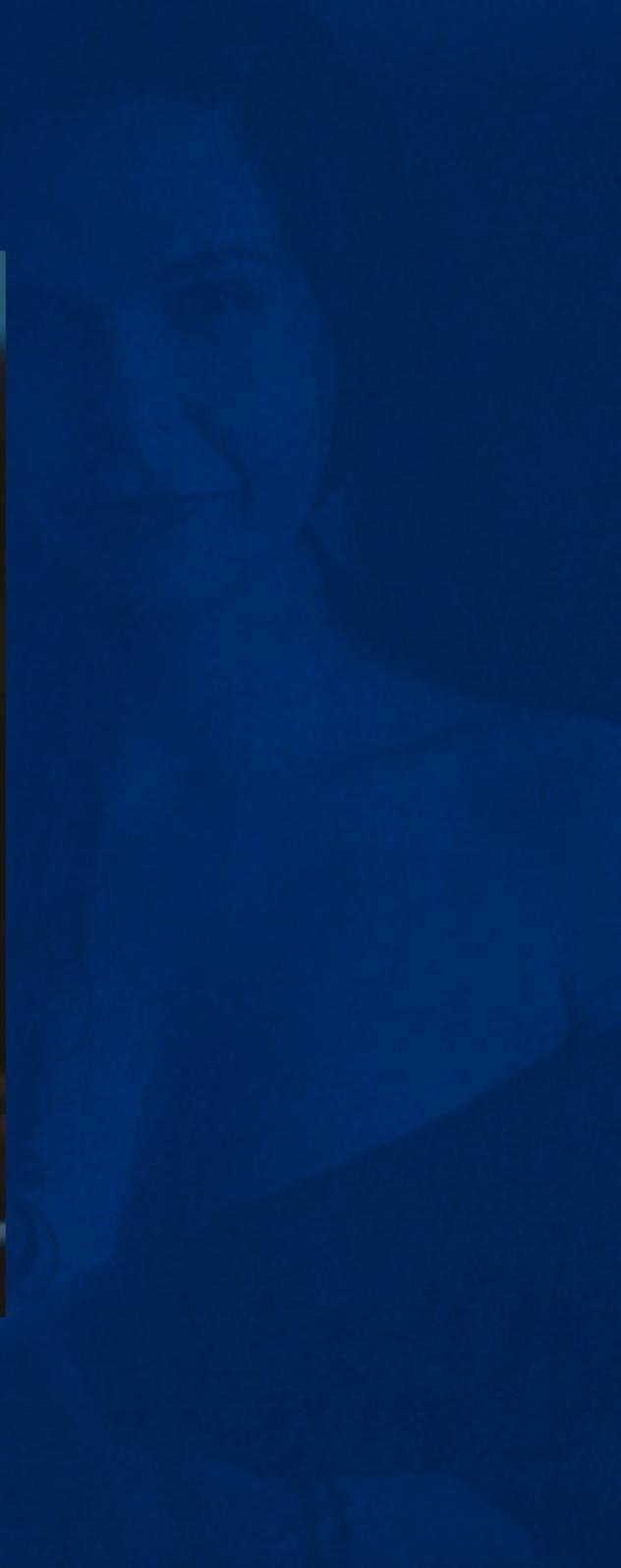
Isabelly Moreira

A woman with long dark hair, wearing a sleeveless floral dress, is sitting on a rock. She is smiling and looking towards the camera. She is holding a metal frame, possibly a piece of art or a prop. The background is a sunset over a landscape with tall grasses and a distant horizon. The sun is low on the horizon, creating a warm, golden glow. The text is overlaid on the right side of the image.

*Isabelly
Moreira*
por Maria Ruana









A woman wearing a blue, sleeveless, textured dress is holding a clear glass vase. The vase contains a plant with large, green, wavy-edged leaves and a dense, fibrous root system submerged in water. She is holding the vase with both hands, one near the top and one near the bottom. The background is a plain, light-colored wall.

*Joana
Veloza*

"Despi minhas peles,
penas e folhas"

Floresta

Por muitos anos habitou-me uma imagem:
Ando em uma floresta amarrando um fio longo,
sem fim quase, aos troncos das árvores.
Metáfora do saber de meu caminhar,
De onde vim, pra onde quero e percebo me dirigir.
Descobri esta manhã que existe, aos pés do
Monte Fuji no Japão, a Floresta dos Suicidas.
Lá, a pessoa a princípio decidida medita sobre o
propósito da existência,
caminha e deixa um fio colorido nas árvores,
para, caso desista de morrer,
saiba tomar o caminho de volta.

Antes do câncer eu quis morrer.
Ironicamente, havia esquecido completamente
a cor do meu fio e onde ele estava amarrado.
Já não amarrava fio em árvore alguma.
Tinha me abandonado a vagar no bosque
e já nem meditava,
absorta e hipnotizada na certeza
da incerteza escura e eterna.

Quero munir-me de fios multicoloridos.
Visitar a floresta aos pés do Monte Fuji
e enlaçar os troncos um a um.
Não tenho medo;
Estou suficientemente acordada e sei:
meu retorno é certo.

Não perambulo mais, agora eu vivo.

Não ando por aí sem rumo,
Com um saco cheio de sonhos,
O coração cheio de desejos
E as mãos cheias de depois.
Não perambulo mais.
Despi minhas peles, penas e folhas
Já faz muito tempo.
Andarilha, senti frio e fome.
Me perdi em devaneios
De teias emaranhadas
Sempre andando em círculos.
Um assovio me acordou.
Um sopro na nuca me lembrou
Como se sopram os fios devagar
Até que os nós se desfazam.
Não perambulo mais.
Cheguei a um lugar que não consta nos mapas
Um lugar que é meu. Aqui e agora.
Minha túnica de folhas cintila.
Chamei meu povo de volta
E tudo nesse lugar entendeu
Que não perambulo mais.
Sou presença.

Joana Veloso

Gosto de carregar pedras

uma de cada vez
(é de minha natureza)
Por onde passo colete umas quantas,
que vou transformando em jóias.
Runas do caminho traçado.
São muitas, as minhas pedras.
Encontros também me trazem pedras de presente:
Da montanha sobre o mar
Do deserto
Pedras celtas da praia escondida aos pés da trilha
Do sertão
Pedras de pôr-de-sol
Pedras de nascer.
Coleciono pedras e cultivo silêncios
Espaços vazios
pra caber mais desse mundo que abracei.

Não é preciso mais andar em carne-viva,

não preciso.
Aprendi:
faço o círculo.
Traço firme, linha contínua.
Uso os extremos para descansar
e balanço leve,
sei escutar.
O tempo fechou umas chagas,
sei esperar.
Suei uns excessos,
hoje chuvas de alento me banham.
Agora deslizo, senhora das páginas de meus cadernos.
No baralho, sigo tirando novas cartas.
Apenas bons presságios.

Joana Veloso

Desobediência

Põe em mim palavras duras
Me abre horizontes estreitos.
Quem eu era:
Forasteira lutadora
Porta-estandarte da boa vontade
Da fé no fazer junto
Que nunca vem.
Intimida o que há de bom
Sufocado no calor
E no cheiro do canal.
Quem sou agora:
Um corpo enrijecido,
Um corpo que rejeita.
Mas essa dureza não me assusta
Apenas observo
O quanto te ocupas de me impor ordens
Que não obedecerei.

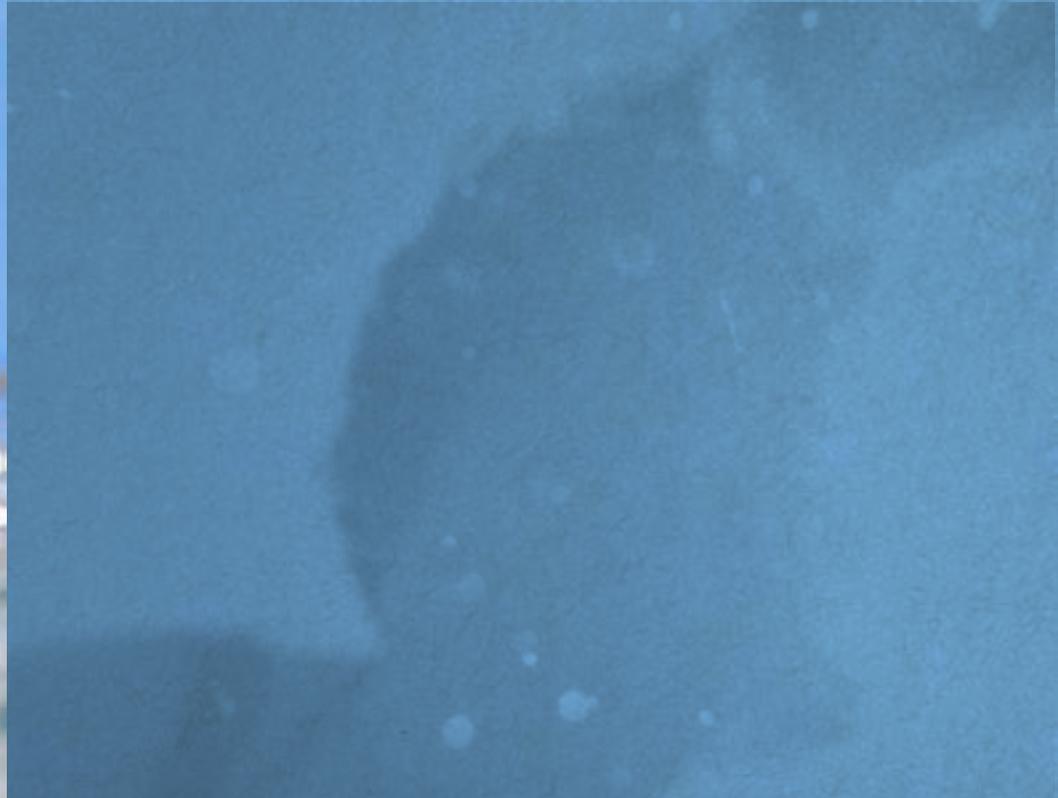
Sempre é tempo

De refrescar afetos
Depois de ter suado
Tudo aquilo que era excesso.

Joana Veloso



Joana Velozo
por Diego Mallo











Jovina Souza

"Meus incômodos
são as epístolas do falo"

Seguindo as mais velhas

É desconforto querer declaração de amor,
se o racismo está em nossa língua.
Quero a escrita da palavra censurada
em minha fala, sim.

Não espero caminhos macios nessa lida,
assino a lista dos meus valores e guardo
palavras de negras mulheres, vozes libertas
juntas em mim.

Sou eco dos saberes dessas mulheres,
sigo o caminho por elas amaciados
fazendo o trabalho, ainda necessário
arrancar outros tocos, polir ásperas trilhas.

Com elas aprendi enegrecer meu pensar,
tomar posse do meu ser negro feminino.
E tecendo mais um fio dessa luta infinda
vou dizendo quem sou e o que eu sinto.

Discutindo a relação

Vou além das promessas em teu olhar.
Nas fístulas do novo, deixo meu coração.
Confesso que não é fácil ter desejos meus
Abortar as portas fechadas desse movimento
de ser mulher e só tua.
Fecha-se uma costura sobre meu desejo oculto,
derramado alhures, mas preso em tua vida
sem elasticidade.

Sei do teu querer a mim, essa força frágil
diante do muito que é viver.

Passo noites e noites a desvendar tuas palavras.
Busco, paciente, os sentidos do teu "eu te amo".
E me exponho às idiosincrasias dessa confissão.
Vem mais silêncio, mais lacunas nessa norma
parcial do verbo amar que escolhe apenas tu.
Declaro-me, então, fugitiva dessa trama milenar
e fico seduzida pelas portas das ruas.

Lavinia Souza

Manifesto Feminista

Há um colar de flores em torno de mim.
Há uma fera alada sobre meu ventre,
uma serpente.
E caliente e vermelha sou astúcia
janelas múltiplas, novas trilhas
para o velho caminho de Zaratustra
e seus discípulos todos homens.
A sabedoria dos homens me dá tédio.
É restrita de assunto. O que é extenso
não conhecem.
Está na minha cabeça fecunda
em diálogos com todos os sentidos.
Por isso, aprofundo os tempos, as cores,
e o mundo
que nasce e renasce na usina de mel
sangue e vida que eu carrego
entre as pernas. O céu das alquimias geniais,
teias de bruxas secretas que tudo vêem
e faz meu padecer, virar risos e voos
sobre meus incômodos.

Meus incômodos são as epístolas do falo
que só ejacula, mas não sabe o que é gozar.
Para que essa sabedoria dos machos?
Se de gozos múltiplos por todo corpo,
eu me farto?..
Há um colar de flores em torno da minha cabeça.
Há uma fera alada em minha mente,
uma serpente perspicaz, atenta.
Leio o mundo com o cérebro e os sentimentos
sou profunda,
sou o sagrado, o profano e a linguagem.
O trabalho, a memória,
ninho da terra e das águas..
Se nada diz de mim fêmea e mulher
que sangro para expandir a vida e os mundos,
não me serve a sapiência dos homens.
Tem pouco assunto.

Lavinia Souza

Quero você, minha preta irmã

O dia chega mudo de promessas
se a sua presença é o que falta
na frente dos meus olhos.
Sozinha meus passos são curtos
nesse vale de paisagens hostis
ao preto que em mim é véu
e caça.
É de espinhos e solidão onde andam
Meus pés
no vazio de tudo que é justo
há tempos, levado pelos ventos.
A contento
ele, meu coração, persiste
na sua procura, minha preta irmã,
para se ancorar em seus ombros,
dizer e ouvir a palavra certa,
aquela que nossas histórias
compartilham.
Para o verso que rima eu e você
num poema de dengo,
de força resistente, tecendo esperanças
nesses tempos, os mesmos de sempre,
a nos ofertar o desamparo das violências.
Desejo seu bom dia, seu olá como vai
Minha irmã,
O riso que eu preciso e me faz forte
para vencer a luta de séculos que chega
para nós duas todas as manhãs.

Ainda nesse movimento

A jornada é de trabalho e suor
sob o céu, testemunho indiferente
dessa minha luta-mulher pela vida
e pela liberdade, sempre por um fio.

Dias, após dias,
nesse caminho deveras ermo,
piso as dores do passado e do presente,
sem trégua, faço ruir seus castelos.

Depois levanto minha espada
sobre suas ruínas.
Ponho asas cabeça
nos pés, na vagina, no coração
e sigo o voo das andorinhas.

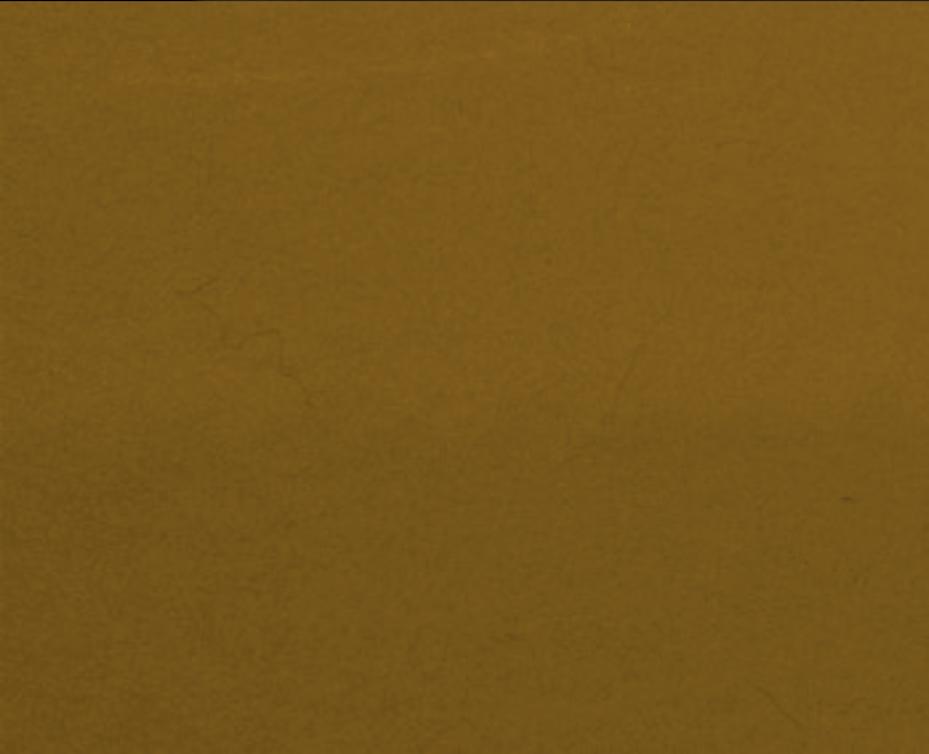
Lavinia Souza

Jovina Souza

por Tom Correia









A black and white photograph of two women lying on their stomachs on a grassy field. The woman on the left is wearing a light-colored, long-sleeved top and has her hands covering her face. The woman on the right is also wearing a light-colored, long-sleeved top and has her eyes closed. The text 'Marina Melo' is written in a red, cursive font over the woman on the left, and the quote 'canto para escrever no ar' is written in a black, sans-serif font below it.

*Marina
Melo*

"canto para escrever no ar"

NUCA

eu nunca me beijei na boca
eu nunca sinto o cheiro da minha nuca
não sei qual é o vapor do meu sussurro
nem meu silêncio enquanto eu durmo

não sei como ressoa
minha pele na sua
eu não sei como é me ver pela primeira vez nua
eu não sei como é me ver pela última vez nua

eu não sei o que é me ver.

FUGA

perder objetos, deixar lugares:
eles continuam existindo,
só que escondidos de mim

VIDA

pura podre
bruta bela
leve grave
brava boba
ruim tão boa

digo

vagina
como quem diz pão
como quem diz tchau
como quem diz sonho
como quem diz pau

vagina não é palavra envergonhada

vagina só é,
caralho.

acima de cada precipício:

um mirante
quando o mundo acabou eu ouvi:
o silêncio
o minuto que alguém morre é o minuto:
que alguém nasce
já o sexo tem um tanto de vertigem e um tanto
de
ascensão

a tristeza

dá corpo
a quem nunca teve
um.
amar
é assim?

a vida toda inquieta

a morte sempre à espreita
gosto da vida que peita
e sei que a morte é secreta

LEÃO

gosto de olhar estranhos
para que eles tenham o gosto
(sem nome nem corpo)
de serem olhados sem saber

LEMBREI

todo mundo é feito de carne
mas só lembra quando sangra

se a rua da sua casa mudasse de mão

ou se um amigo escrevesse hai-kais que só
podem ser lidos na casa dele
se você não visse o guarda que pernoita ao lado
vestir o colete à prova-balas
ou se você tivesse uma ínfima noção do que é
não ter casa,

**o seu nome era a única coisa que ela
escreveria, à chave,**

na porta de um banheiro.

gosto de

escrever no escuro
(não que já tenha feito
isso)
para que as palavras
sejam vultos,
só vultos,
e não donzelas.

escrevo para cantar

canto para escrever no ar

Marina Melo



*Marina
Melo*
por Laís Aranha











Mona Dias

"Circunavegações
me trazem sempre"

E Ela Não Sabia Amar, baladinha-soneto em 3 x 4

E. Corria, mordida a vida e entre os dentes apodrecia a carne que não descia. E rodava e de tanta tontura só enxergava a realidade em flashbacks. Ninguém a encarava porque só a viam de costas. Invasa. Abandonada. Perdida. Chorava e as lágrimas jorravam pra não-se-sabe-onde. E.

Ela. Maquiagem borrada. Corpo sujo. Cabelo surrado. Ela que só somava as horas na coluna, saía e voltava. Ninguém notava. Hello, everyone! Ninguém respondia. Na janela do centro da cidade esbaforava cigarros a fio, madrugada era sua inimiga. Sono não via. Pesadelos, vultos e imagens. Querelas e gritos. Amaldiçoou o próprio ventre. Insana e pagã. Intensa. Mais nada para. Ela.

Não. Morria a mulher. Violavam, rasgavam sua inocência. Pontas de cigarro. Amarras ao pé da mesa. Soco na cara. Sangue. Não. Cidade natal, amigos de infância. Hino nacional. Não. Brincar na rua. Cinema, roupas e discos, shampoos e cremes. Histórias e simbólicos. Realidade. Não.

Sabia. O quê? Ler. Espanar. Lavar. Passar. Ninar. Cozinhar. Trepas. Fumar. Dar. O quê? Mãos vazias. Sabia peregrinar pelo Antigo. Ônibus em pé pela RMR. Livros a pesar. Lamaçal. Sabia. Transitar pelos paralelos de ricos e sua periferia, morando no centro, na zona sul. Seu epicentro: sabotagem! Morrer-se diariamente, mas nunca renascia. Vestia a cara com fumaça. Sabia.

Amar. Amar. Amar. Amar. Amar. Amar. Amar.
Amar. Amar. Rama. Rama. Rama. Rama. Rama.
Amar. E Ela Não Sabia.
E Ela Não Sabia Amar.

Faxina de Otário

Na linguagem
no corpo
na coluna
do teu
sagrado.

Na víscera
no profano
na cafonice
do teu
templário.

Na semântica
na porra
na sandice
do teu
patri(mer)cado.

Ela caiu
sacudiu
viu
consumir-se
a fogo
o ventre
molhado.

Nessa água
jorrada
dilacerada
ela
pariu
lavando
a manada
inteira.

Sangue Sente

A memória do sangue sente
suave, sereno na semente da alma
suores, sufoco, silêncio.
Sensível saudade,
ciúme cerrado.
Séculos.

O sangue sente
a memória transborda os sentidos da carne
semeando sandice, insensatez, sofrimento...
o sangue sente
qual serpente

[enroscada no corpo

podre
caído
envermelhando...

O sangue sente.

Um Pobre Capitu(lo)

A todos dizem que sou aquela.
Sou a dos cárceres, a mais esquecida; a das
meretrizes, a mais injustiçada e das mulheres,
a mais misteriosa. Sou aquela da cozinha e do
tanque a que tem cheiro de água sanitária na
mão e de pêssego na boca a dos seios caídos
e do ventre atrativo. Estou aí, na sala, no quarto,
no quintal, na mesa e na cama estou na cadeira
de balanço de madrugada acalentando o peito
inocente que grita com saudade do útero estou
debruçada na tabuada chata e no português
gaguejado. Estou no escritório, na sala de aula,
na direção de ônibus na encharcada plataforma
petrolífera na tua mente no teu orgulho ferido no
teu falo no teu sonho no teu céu no teu inferno
no teu solar de esperança no teu chamar de
menino. Sou minha e de mais ninguém!
Possuo o ocultismo do universo, a magia das
mãos o manancial dos quereres a forma e o
verso a ilustração o demônio a perseguição.
Sou tua, às vezes, se homem ou mulher.
Caminho no mais só, de sonhos preenchida de
quimeras estudada de amores... os malogrados
me encantam! Da bailarina tenho o equilíbrio
o charme e a doçura do movimento; também
tenho seus pés machucados de calos e joanetes.
Mas, para tua informação, não tenho aquele
colo marmorizado ou aqueles lábios de carmim!

Manafias

Para meu tato, é preciso que me enchas, mas não tens mais nada a dar que tua onipotência e brutalidade de macho. Vês só a flor de plástico, não me sugas o néctar.

Se buscas as ruas é porque não me alcanças à noite. Eu também sou a puta da esquina que adormece nas tuas camisas a costurar nas roupas que deixas pelos corredores nos teus pertences que rastreiam toda a casa. Tem choro de menino, mas tem suplício de mulher. Ao dormires não escutas a nenhum de nós. Se do silêncio, enclausurada da morte petrificada e da musa a inatingível: ao teu lado não tens tua mulher, tens um santuário mórbido de cemitério. Tu a mataste. Ao escravizá-la ao calar-lhe as vontades ao puritanizar-lhe as carnes. Depois, falas dela por aí... Aquela despudorada, traiu-me com o melhor amigo... Não vês? O menino lembra-lhe até os bigodes!! De labirinto em labirinto tu te perdes e nunca a tiveste!

O que dizer de meus momentos íntimos? Bem, sorvo perfumes de rosas, arranho o tempo com as unhas das mãos, sangro o resultado disso tudo e alimento minhas ilusões. Coração de mulher é enigma? Tão fácil e calmo se convivido... Para isso, precisas de lástima de suor e de fome. Instantes de mulher são inomináveis são profundezas de mar. Daí a água salgada: dores indizíveis carregadas da mente pelo vento pelo trovão pela flecha.

Circunavegações me trazem sempre e me perco quando nego meu destino. Sim, no que não se pensa mais o que se olvida por desespero de modernismos inúteis, ainda existe e ferve na sutileza de um sono tranqüilo. Mas a dureza do teu olhar sobre mim apaga toda minha estrutura toda minha denominação e te tens forte e viril. No dia que entenderes que não só me possuis atingirás o supra-sumo da minha candura. Pari o mistério por ser eu mesma tão simples tão lógica...

O que há em mim que te governa? A minha mão num berço? A minha sedução nos afrescos de séculos passados? Se as minhas costas te causam torpor, melhor mesmo me enxergar de frente! Se ao menos me perguntasses se o filho era teu, te responderia tão afinadamente quanto as cordas de um piano vitoriano. Mas preferiste me coagir me rotular me julgar e me esquecer me condenar e me serpentear me pretender nos teoremas do teu raciocínio fútil e ilógico. Mas aí está o relato de uma inaudível de uma morta e inventada figura que foi canonizada nos escritos que fedem a testosterona e cueca mal lavada. Porque sós porque auto-suficientes porque pretensos ganhões e donos de tudo. A voz de uma cigana traíçoeira e nefasta de uma Littera(atura) de varões falidos. E que vençam as batatas!

Monardias



Monas Dias

por Yalli Borges







*Mônica
Menezes*

"não sei cantar
na língua sagrada"



Voo raso

a insanidade me espreita
eu bebo água
lavo o rosto
aparo as unhas dos pés
e leio Caio Fernando Abreu

mais tarde
correrei na praia
até perder a glória
de ser triste

artifício

abri um buraco no meu ventre
escavei fundo
com minhas próprias unhas
todos os dias
cinzelo suas formas
faço da dor
minha única arte

há uma rosa escarlate
sob meu vestido
e dentro do meu silêncio
mora o grito

eleição

o anel, a flor, o poema
tudo isso tão bonito
contudo, o que ecoa mesmo
no fundo mais fundo da alma
são as palavras-lâmina da mãe
sussurradas no quarto ao lado
naquela madrugada de setembro
elegendo-a
para sempre
a menina mais feia da casa

sonho de bailarina

da caixa onde vivo
não posso alcançar o teu beijo
e guardo-me encolhida
os braços enlaçando as próprias pernas
os lábios comprimindo o desejo

já faz muito tempo
e esta caixa é minha única sina
mas noites a fio
(esgarçando os dedos de menina)
entremeio cristais e seda fina
e um diáfano vestido teço
para o sonho de ser bailarina

amanhecer

já está decidido:
amanhã despertarei borboleta

carta de amor

amado, jamais serei tua Dora Diamant
simplesmente porque sou outra mulher
e tu és outro homem

não sei cantar na língua sagrada
e nunca sonhamos com Tel Aviv

entretanto desejo
como a moça judia
acolher-te o derradeiro gesto
e talvez meu lamento
também dissipe o eco
da última oração

Mônica Menezes

Mônica Meneses

por Sarah Fernandes











*Neqra Anória
d'Oxum*

"Nos interstícios de si,
travessias e tramas"



Cores e correntezas

Às mulheres, irmãs minhas,
Das suas cores e correntezas,
Saber dizer queria...

Muralhas e manhãs sem sol
Sentir-sonhar, sofrer...
Delícias, conquistas, novas travessias...
Dizer-saber queria!

Solitude profunda padeci também...
Rios de lágrimas e um mar sem risos
...
A menina dos olhos esmaeceu, quase...
Amor-migalhas...
Não mais,
Nunca mais!

A vida, irmã minha,
Raso rio.
Escorre suave, densa.
Dilata, dói, aperta.
Aparta.

Tramas internas. Travas!!!
O fel, aflições.
- Destróis!!!

Vazio invade.
Devasta, destrói, distrai...
Labutas e labirintos,
Amor-mágoa, irmãs minhas.
apagas!!!

Um ponto.

Final?

Talvez...

Um ponto

Faceira Flor

Flor, ô Flor!
Um café, pro seu nêgo!
Faz, por favor!

E a faceira Flor
em seus braços, enlaçada,
Cheinha de chamego
Deixa-se ficar.
Olha ao looonge
Acarícia seus crespos cabelos
E sussurra suave:
- Ô pretinho, estou tão cansada!...
- Vai, faz esse mimo, por favor!

Nêgo olha, se achega mais, beija
Venera e vai.

Tempos depois...
Flor, ô Flor..
Os pratos sujos, minha joia rara
Lava ali, vai, por favor!

Ahhhhh! Suspira airosa rosa!
Tô tão cansada, lindo amado!
Livros, lutas e muito labor!
Sussurra suave, esta nêga formosa,
para alegria de Oliveira Silveira,
nosso mestre escritor,
lá do Orum a espreitar e se rir
dessa musa amada:
Flor! Ah! Minha flor!

DES(L)MADO EX...

Espadas tuas cravaram meu peito,
Tempos atrás...
Uma, duas, três...?
Quantas de nós sob seus lençóis
Desa(l)mado ex?

Mas...

Das cinzas ressurjo.
Cantigas suas,
Ladainhas sem reza,
Conheço todas!!!

Rasgo!
Retas sem rotas
Saboreio.
Eparrei! Oiá!
ÊÊÊparrei!

Pressão e pausa

Lá fora a vida vibra
O som eclode.
E eu, cinzas horas.
Insosso sabor.

Prazos. Pressa. Pressão sem fim.
Chagas, choros. Pressinto.
Os livros clamam...
Silencio!
Pedem.

E o dia segue.
Ondas sonoras sob os céus
Pressão, prazos, pressa.
Refaço retas. Reajo.
Sento. Concentro. Tento...

E o som insiste
Meu eu, em erupções, navega
Reluto.
Remo
Remo
Remo.

Livros, sons e chamadas
Voos sem voltas
Revejo.

Pássaro preto-primo-pedras

São Sebastião do Passé, um dia qualquer...
Pássaro-preto-primo-pobre...
Ungentos pedia...

Anos atrás:
Seus belos olhos, cor da noite, fitavam os meus.
Coração-criança, assustado menino.
Cheiros de morte e fugas d'outrora
Ríspido. Rápido, sem direção, a disparar a pressa.

Preto-primo-pedras. Crack. Crack, crack...
Pisadas apressadas sob o anoitecer.
De beco em beco, de mato em mato.
Aqui, ali, acolá...
A dissipar perigos, a pedir abrigo

Ouvidos atentos. Pernas rápidas a cortar ciladas.
Preto-pássaro-primo.
Pulo do gato, sob incertas águas.
Domingo, um dia qualquer. Pum! Pum! Pum!
Pum! Pum! Pum! Pum!
Pernas esticadas sob o chão. Na lama a face ficou.
Corpo encolhido em escaldante sol.

Transeuntes passam. Param. Averiguam. Apon-
tam.
Olhos meus marejam nesse céu sem fim... E o
dia a seguir seu curso.
Perda. Primo-preto-pobre.
...Crack.Crack.Crack...



*Regina Anônia
d'Oxum*

por Fafá Araújo









Odairta Alves

"meu verso é edema
/Inchaço de dor"



EVOCAÇÃO DO RECIFE nº 2
(Que Manuel Bandeira me perdoe
mas também...)

Sou filha do Recife
Da senzala dos tempos modernos
Não da União, Aurora, Soledade...
Essas vieram-me bem depois
Nasci dos seus becos sórdidos
E escapei entre as papoulas
Que enfeitavam meus cabelos

O Recife da Violência, das Drogas
De alma desasfaltada
E coração movido à lama
Que pulsa por trás do Shopping Center

Recife sem igrejas barrocas
Teatros nem praças floridas
Recife que nem o frevo é capaz de alegrar
Dos barracos de tábuas
Onde desde cedo
Aprende-se, na marra,
A suportar a frieza do chão
E não gritar com a dor das feridas
Que nem Omolú ousa sarar

Recife dos riscos, dos restos,
Dos ratos que me atormentavam
Lugar onde baratas não assustam
O corpo só treme diante do gatilho
Recife de estômago vazio
Sem luas cheias
Sem estrelas, sem poesias
Sem canto dos pássaros
Nem árvores para brincar

Recife sem primavera
Com um mau hálito
Que violentava meus sonhos de criança
Recife que vi bem de perto
Que nunca me plantou esperanças
Um Recife que também era Antigo
Mas não aparecia na televisão
Recife desértico, árido, seco
Que mata mais que o Sertão
Recife do Coque, Ibura, Beberibe
De Brasília Teimosa, Guabiraba,
Linha do Tiro, Morro da Conceição
Recife de tantas Águas, Altos, Encruzilhadas

Do meu Santo Amaro das Salinas
Que nunca me abandonou
Ainda lembro-me menina

Odairita Alves

De anjo, acompanhando o seu andor:
"Ó piedoso Santo Amaro
Entoamos com fervor
Bendizemos vosso nome
Esse hino de louvor..."

O Recife que só colocava-me no colo
Quando eu corria pelos seus manguezais
Amarrava caranguejos
Para libertar minhas fantasias
E iluminava o Rio Capibaribe
E todas as suas pontes
Com gotas daquela alegria

Recife que só era doce
Nas festas de São Cosme e Damião
E no terreiro de Mãe Lúcia
Cantávamos para os Ibejis
Sem medo, com respeito
E saquinhos na mão

Um Recife que está morrendo

E velo o seu corpo à distância
Ansiosa pela última pá de areia
Recife dos becos sem saídas
Sem ruas nem avenidas
Que mesmo com tanto esforço
Não me prendeu em sua teia

Um Recife que tentou
Mas não matou esse amor
Em meu peito despertado,
Recife dos meus monstros, mitos, lendas,
Tantos anos adormecido,
Acorda nesses versos soluçados
Teu crime não foi prescrito
Recife da minha infância
O mesmo dos meus pesadelos
Recife que aqui eu vomito

Odairita Alves

NÃO FALAREI DE AMOR

Eu não falarei de amor
Nem adianta pedir,
Ameaçar, implorar,
Eu não falarei de amor
Nem se esse for
O meu último verso
Nem se amor for embora
Só por pirraça
Eu não falarei de amor
O meu amor morre de graça
O meu amor dorme na praça

Eu não falarei de amor
Enquanto a juventude negra
Estiver sendo exterminada
O meu amor está congelado
Numa gaveta de necrotério

Eu não falarei de amor
Enquanto meus pretos e pretas
Forem encarcerados
Meu amor está algemado
Com passaporte pro cemitério

Eu não falarei de amor
Enquanto eu for a carne
Mais barata do mercado
Meu amor está de mãos calejadas
E bolsos vazios

Eu não falarei de amor
Enquanto o meu padrão
For ridicularizado
Meu amor tem autoestima baixa
Pisada por esse mundo doentio

Eu não falarei de amor
O meu amor ficou
Do outro lado do Atlântico
Não foi escravizado
E um dia, quem sabe um dia
Ele brotará em poema
Por enquanto, meu verso é edema
Inchaço de dor
Minha poesia sangra
E mancha as páginas brancas
Do livro do colonizador.

Odairita Alves

UMA LENDA DE AMOR

O Mundo era todo Noite
Dia não existia
mas isso triste não era
Namoros no escuro
Jantar à luz de vela
A Lua, Rainha
O Sol, o "dono" Dela

Escândalo celestial
"Sol expulso do Céu!"
Manchete de jornal
Comentários, descrenças
Parecia brincadeira
Mas a Rainha, tirando o véu
Gritou para a Noite inteira
Que não queria mais ter dono

Fez-se a partilha dos bens
O Sol ficou com a Luz
para guiar seu abandono
À Lua coube a noite
cada vez mais enamorada
Nunca tivera tão cheia
Com brilhantes roseiras
Deliciava-se com novas paixões
Tinha sentido o saboroso mel
do beijo das Estrelas.

Odairita Alves

Odairita Alves

por Nathália Tenório













Odília Nunes

"Pois sonho em mim
não tem fundo"

Na Terra quero ficar

A morte me convidou
Para uma reunião,
Pense numa confusão.
Um acidente causou.
Diz ela que precisou,
Pois anda a procurar,
Palhaça pra trabalhar
Com ela no outro mundo,
Recusei em não profundo
Na terra quero ficar.

Me prometeu bom salário,
E ainda décimo terceiro.
Circo armado no terreiro,
Com público bem solidário.
Dispensou meu comentário
quando fui eu perguntar :
"De que adianta enricar
Nas faces do outro mundo?"
Recusei em não profundo,
Na terra quero ficar.

"Não amei suficiente!"
Foi como justifiquei.
De pressa lhe expliquei
Os sonhos que trago em mente.
E ela, tranquilamente,
Se dispôs a escutar.
Desembestei a falar
Pois sonho em mim não tem fundo.
Recusei em não profundo,
Na terra quero ficar.

Ela muito inteligente,
Aceitou contraproposta.
E eu lhe dei como resposta,
Alegrar muito mais gente.
Sendo mais eficiente,
Bandeira aqui ficar
Pra mode colaborar
Com o seu olhar fecundo,
Recusei em não profundo,
Na terra quero ficar.

Odília Nunes

As calcinhas de Maroca

No fim do ano passado
Soprou aqui no sertão
Um vento de assombrar
Expedito Valentão.
Saco, semente, antena
Telhas do meu casarão
Foi-se embora pelo ar.
Mas o maior prejuízo,
Foi todo de Mariquinha
Senhora deste lugar.

A casa de Mariquinha,
Fica no alto da serra.
Cercada pelo cruzeiro ,
Onde o "Minador" se encerra,
Foi levantada em oitenta,
Maroca ali é contenta
Não tem do que duvidar .
Acorda manhã cedinho ,
Se banha, troca a calcinha
Escuta o galo cantar.

Não sei se tu tem mania
De guardar pra precisão,
Alguma especiaría,
Roupa, dinheiro, pão...
É bom lembrar do recado
"quem com fome aqui guarda,
O gato vem, leva e come."

E o gato pode ser vento
Que sopra, balança, leva
Sem reparar nem no nome.

Mariquinha por exemplo,
Ama calcinha "surrada"
Véia, "folote" na frente
A estampa desbotada,
Os elástico "afolosado"
Se for furada melhor.
Mas como quem esconde paixão
Guardada numa gaveta,
Tinha dez calcinha nova
Pra causa de precisão.

As netas bem que tentaram,
Insistiram, reclamaram:
"Vó, que mania feia!
Imagine se alguém vê,
Estes trapo que tu veste!"
Mariquinha nem ligava.
"Agora danou-se!
Nem ligo
Calcinha nova eu só visto
Se for pra ir num doutor!"

Roupa guardada por tempo
Logo tem cheiro de mofo.
Maroca sabendo disso
Cuidava do seu cafofo.
Vez ou outra ela lavava,

Odília Nunes

Suas dez calcinhas nova
Depois de seca engomava
Dobrava bem dobradinho
E quem cobre seu passarinho
No guarda roupa guardava

No vinte e quatro em dezembro
Mariquinha resolveu
Lavar as suas calcinhas
E no varal estendeu.
Quando pendurou as dez,
O céu todo escureceu
"Corre e guarda as galinhas,
Para nada acontecer
Chuva boa ali vem vindo
Fizemos por merecer!"

A alegria findou cedo
Pois a chuva era um tornado .
Vento que nunca vi,
Brabo, ligeiro, pesado .
Forte redemoinho,
Assustando criancinhas,
Bebo, marmanjo e avó
Fechou portas e janelas
Destelhou todas as casas
Enchendo tudo de pó.

Três dias depois do vento
Mariquinha inda tremia.
Faltou reza pra rezar

Tamanha foi a agonia.
Umas cinco pá de terra
Tirou de dentro de casa.
Sacudiu, lavou , limpou,
E inda hoje tem sujeira,
Em cima da "cumieira"
Porque lá não alcançou.

No meio da arrumação
Se deu conta do perdido.
Correu pro "mei" do terreiro
Na esperança de havido,
Restado ao menos uma
Enganchada num angico.
Porém nem os "pegador"
O vento deixou ficar,
Imagine dez calcinhas
Nova, lavada, limpinha
Se ele num ia levar?

Procurou de serra abaixo
Nos telhados, nos "munturo".
Dentro dos forno de lenha,
A busca foi sem futuro.
Nada achou, ninguém viu.
O vento foi mais ligeiro.
Por isso se você guarda
Feito Maroca escondia
Entenda que o agora,
É o nosso melhor dia.

Odília Nunes

Amantes

Observando hoje percebi,
A natureza sedutora e provocante.
E creio pelo que vi,
A terra tem a chuva como amante.

Não fizeram questão de esconder,
E o coito se fez na minha frente.
Como um verso ligeiro, de repente
Que simples ali eu vi nascer.

Começou no entardecer se colorindo,
Os cabelos das árvores balançando,
Em perfume de flor embriagando,
Terra fêmea de tesão foi se vestindo.

Não tardou para a chuva ali chegar
Devagarinho lambendo a sua musa.
Que não poupa e também a língua usa,
Espalhando gemidos pelo ar.

Com carícia sensual e provocante,
Cada gota acarinhava sua amada.
Nenhuma parte ali se foi negada,
Tudo para ela era importante.

De repente por orgasmo se explodia
E cada palmo da terra foi molhado,
Em gozo profundo e partilhado,
No riacho era sêmen o que corria.

Abraçados sendo um só foram parando,
Com delírios excitantes que se findam.
Calmaria por hora era bem vinda,
Até um se bulir recomeçando.

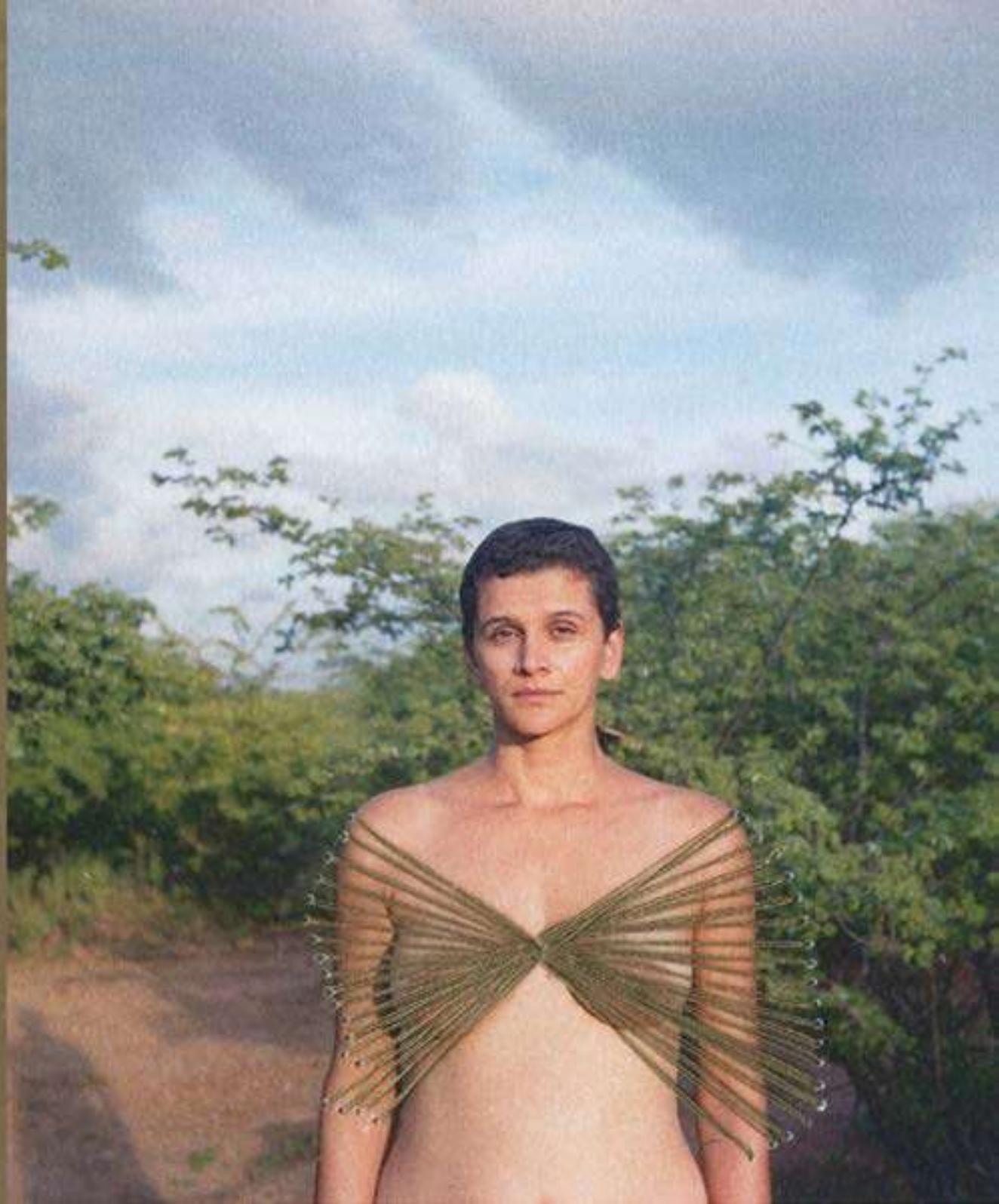
Devagarinho em recomeço ela roçava,
E a chuva de mansinho respondia
Tudo de novo e mais ela queria,
E a chuva dava e ela bebia.

E a noite se fez então gigante.
Ora forte, intenso, ora era manso.
Mas juro que não vi ali descanso,
Pois amar tende a ser embriagante.

Odília Nunes

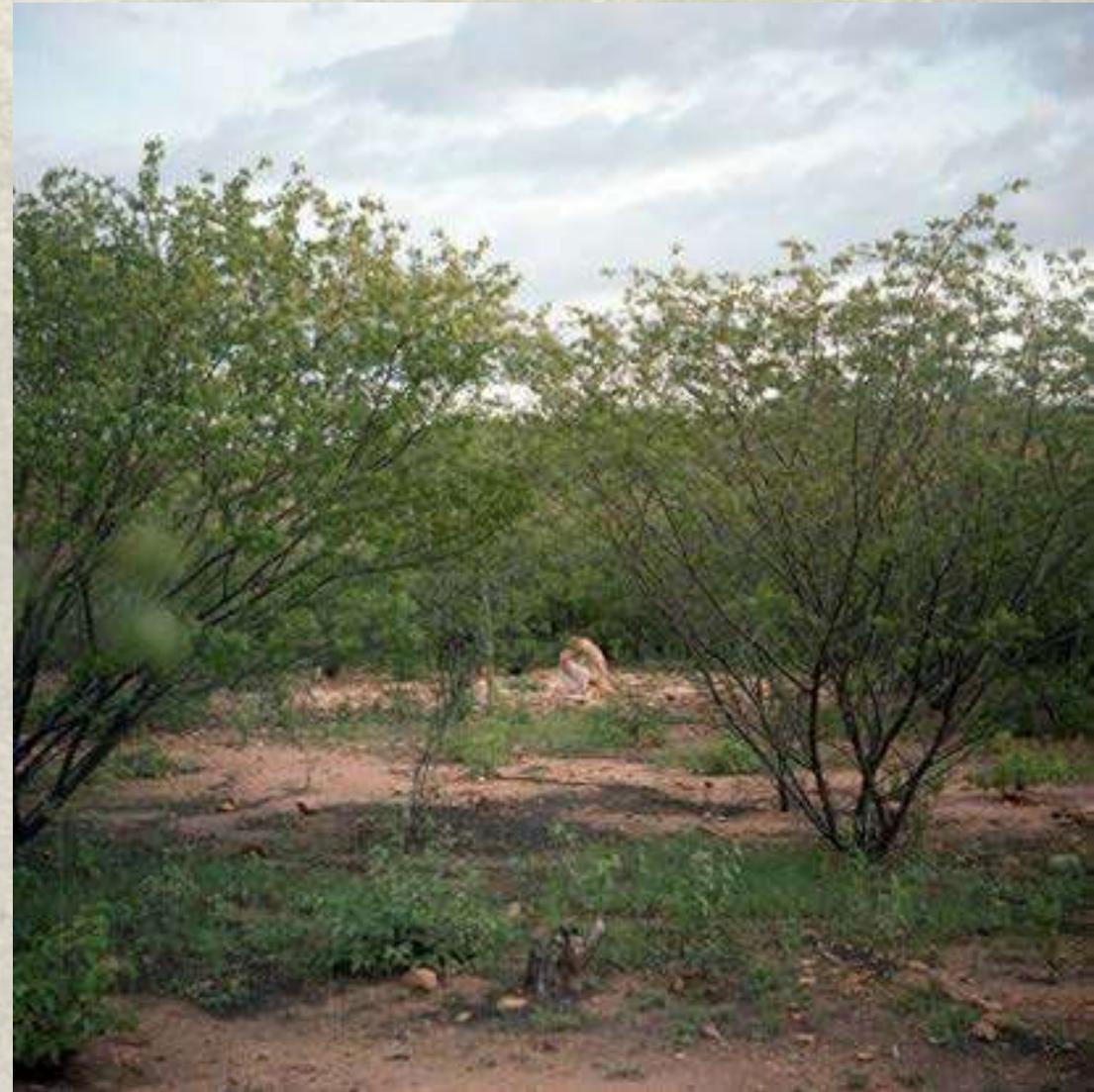
Odilia Nunes

por Renata Pires













Paula Santana

"Há de se fazer silêncio
para entender"

Mátria

A Mãe Terra gesta, pare e alimenta
Cadê teu sagrado, criatura?
Preparam esse corpo, essa mente, esse espírito
de colibri
Num longo ritual de passagem
Para gestar, parir e alimentar
Mas a gente gesta, pare e alimenta o que tem
que ganhar o mundo:
Ressentimento, fluídos, raiva, sólidos, carinho
Até mesmo gente
É aí que nasce o perigo
Mas também a salvação

Das coisas bonitas que vi

Do Uaupés ao Içana
O desenho das pedras
Igarapé-Açu
O sono dos pássaros
lauaretê e Daburu
O voo dos peixes
Caminhar em família
O respeito da cobra
Criança na anca
Sombra da embaúba
O sagrado do rio

Paula Santana

Água e fogo

No Alto Sertão do Pajeú
Eu encontrei uma xamã maya
Ela me ensina sobre a ioga e a força do
kundalini
Eu saio desses encontros com os chakras e o
coração em paz
Quando terminei o rodopio em torno do sol
A mestra me preparou um temazcal
Água e fogo
Pedra e vapor
Peixes e Sagitário
De dentro da barriga da minha mãe eu escutei o
grande espírito
Senti cheiro de alecrim, tomilho e cidreira
Recebi um abraço quente
Da beira do Rio Jauaperi
A cutia passou de relance e sumiu na floresta
Eu vi, senti e escutei a consagração dos seres
No tempo circular
As ancestrais, eu e minhas filhas
Ali eu estava pronta
Evoé! Ahow! Epahey! Namastê!

O rio de águas escuras é um caminho

Depois de Cucuí
Entre o Uaupés e o Papuri
Onde faz a curva o Tiquié
Um igarapé
Riacho mágico que corre dentro da mata
Do lado de cá do Equador
Zarabatana não é brinquedo de criança
Com terçado na mão
Para proteção e celebração
Ueneyá é um caminho
Que entranha na alma
Um mundo de gente, plantas e bichos vive aqui
Maniva
Cucura
Umari
Samaúma
Coca
Caititu
Cutia
Macaco
Paca
Tamanduá
Onça
Cobra
É preciso ensinar a menina dos olhos a ver as
bonitezas do caminho
Olhando ao longe e escutando
Há de se fazer silêncio para entender

Paula Santana

Para Bianca

Conheci Bianca Close na boemia da Rua do Lima e da Mamede, no centro do Recife. Toda vez que a gente se esbarrava, Bianca elogiava meu modo de se vestir. Era sempre um canto alegre que afagava a alma. Eu replicava a gentileza. Bianca sempre usava colares e anéis bonitos, mesmo que estivesse na correria guardando carros no sol quente. Ano passado, estava eu tomando um café no Galo Padeiro e ela gritou, com sua alegria de costume, que meu cabelo era maravilhoso. Ganhei o dia. Eu estava cansada e frustrada naquela tarde. Um dia juntei vários colares para lhe dar de presente. Esses colares ainda estão em uma caixinha dentro da mochila de viagem. Foi-se mais uma luz irradiante das ruas da cidade de rios e mares.

Nota de falecimento

Polícia
Milícia
Forças Armadas
Estado-nação
Herdeiros do patriarcado
Estado de poder
Pátria assassina
Dos corpos não conformados

Paula Santana

*Paula
Santana*
por Álvaro Severo













Daiça Bomfim

"o amor era um murmúrio"

QUEM É VOCÊ?

a casa em catástrofe
o entulho todo à mostra
e a vizinhança quer saber:

quem é você que colhe
a matéria dos altares
nos minúsculos vestígios
dessas tempestades?

vasculho itinerários
dispo trinta e três ausências
fico inteira na varanda
olhos boca mãos boceta

anuncio:
eu sou a mulher alegre

BOMBA DE MIL

no centro de meu corpo
acendem o pavio
da bomba de mil

não é junho nem dezembro
cacos resquícios respingam
nos vidros das janelas

mais um sonho mal-dormido
ninguém fora vai ouvir
essa palavra-íngua
que eu não sei cuspir

Daiça Bomfim

DERIVAÇÃO

o amigo sussurra
os rios acodem
e escorrego na memória
das palavras de neruda

eu lia alto e sonhava
com mãos que me lavavam
em noites de lua nova

o amor era um murmúrio
brotação de ervas
mas na casa em que vim
morar com o homem
não havia mais espaço
pra um jardim

NA BEIRA DO RIACHO

o amor
é uma mala antiga
que esvaziei
na beira do riacho
daquele vilarejo
onde passei minhas férias

o que restou dali
a boca suja de terra
um regador de plástico
três palavras úmidas
e essa lágrima
que (não) acabou
de cair

Raíza Bomfim

CAMBADA

O amor:
aquela flecha
de acordar comparsas,
de furar as bordas
do destino.
Se nos golpes da ilusão,
eu começo
a acreditar na solidão
- esse mote de alianças
tenebrosas -,
cem mil gatas vagabundas
vêm em bando
me salvar.

QUEM PARIU MATHEUS

a mulher
que pariu matheus
balançou o menino
até as mãos
ficarem tontas

não teve remédio
o enjoo
que lhe assombrou
a fria ausência
dos cada quais

pegou seu filho
e fez um barco
onde naufraga e
balança
a mulher
que engoliu as ondas

Daiça Bomfim
por Nathália Miranda







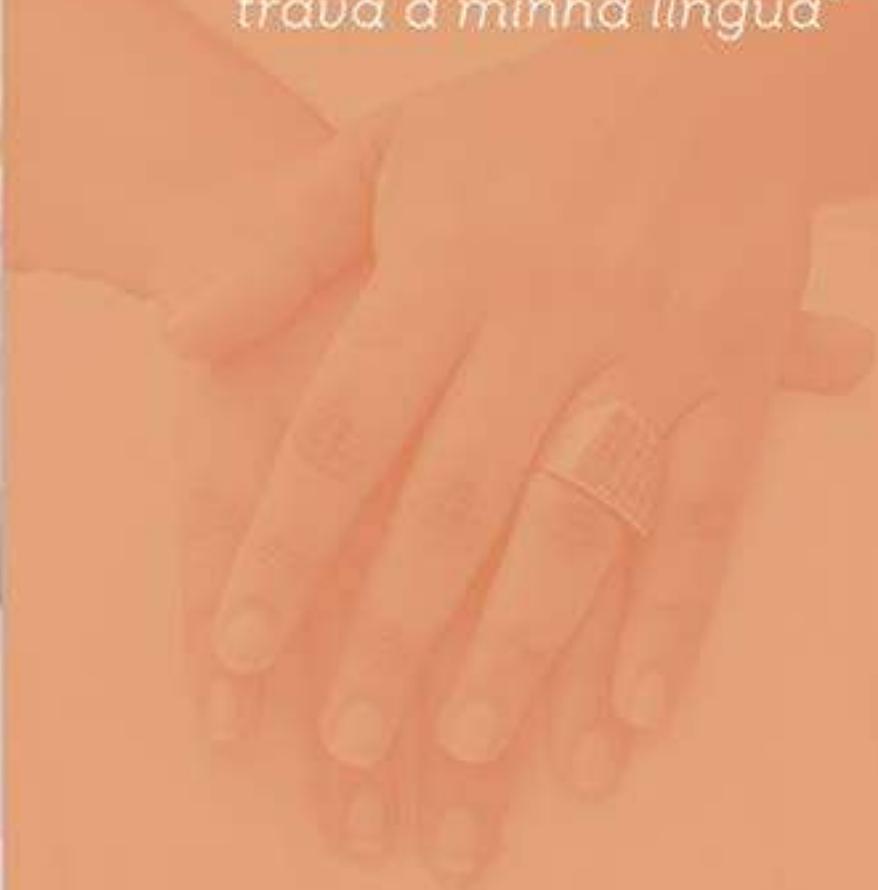






*Tatiana
Dias Gomes*

"O gosto do ausente
trava a minha língua"



Encontrei o fio de Ariadne

E teci paisagens metafóricas
Para enganar, em silêncio,
O meu apetite infindável por dores esféricas
Abaixo dessas nuvens indiferentes
Acima dessas ruas dinamitadas
Experenciando o meu desencanto irresignado
Em meio às certezas ocidentais
Com meu torso quebrantado
Em uma cidade que pulula desigual

O gosto do ausente

Em meio aos escombros há uma montanha de papéis
Escalá-la é um dever solitário a essa altura
Os papéis testemunharam dias de coração quente
Testemunharam o tecer de teias antes visíveis
apenas à ignorância
Garfos, pratos e xícaras também testemunharam
E agora fitam-me em tom de acusação e escárnio

O beijo repellido alinha-se à dança das mãos agonizantes
Acreditei em ti, Drummond,
Acreditei que o beijo seria o sinal da ausência de
comércio a boiar em tempos sujos

A frase é repetida monotonamente, sem força
A negação não exige força
Exige um corpo ereto, uma cabeça que desvie e
um olho que petrifique quem pulsa

Não há como esconder o oco do interdito
O gosto do ausente trava a minha língua
E me aparta da fome
Da fome que movimenta a busca

Tatiana Dias Gomes

No caminho pra Uauá

Ressinto-me das serras e das cabras
As serras não prestam contas de suas curvas
Ninguém diz às serras: "Isso não é normal!"
Podem ser tortas à vontade
As cabras não prestam contas de sua pressa
Ninguém diz às cabras: "Esperem o tempo
passar."
Podem correr com liberdade
E o meu corpo, onde habita o desatino, anormal
e apressado, é queimado pelo sol.

Sendo feita de chuva

Precipita
Erode
Inunda

Sendo feita da sal
Preserva
Caldeia
Desajusta

Sendo feita de espera
Mastiga
Arqueja
Esmacece

Chuva, sal e espera levam-na à sala
Onde está sentada a que veio antes
E segura uma pequena mala
Abre-a e mostra-lhe o escondido acervo de
rompantes

Tatiana Dias Gomes



*Tatiana
Dias Gomes*
por Ulara Moura









Tereza Sã
"Sou mulher-alvenaria"

Profundeza

Já não me precipito
Nem estou a toda calma
Despi minh'alma
Engrenei andanças.
Estou de partidas
Superando colisões
Transpondo fronteiras
Rasgando receitas.
Vou compondo minha história
Já não possuo superfície
Sou toda profundeza

Pertença

Há lugares que não me deixam partir
que me arrebatam em seus cantos
me espalham em suas ruelas
e me pedem pra ficar

Há lugares que cabem dentro de mim
porque preenchem meu existir
e tecem fios de memória
outrora disseminados

Há lugares que se instalam
e me adentram
como ostra na pedra
fi(n)cam mesmo quando não estou
Há lugares que em mim habitam
e me povoam do que já sou

Tereza Sã

Borboletear

Se casulo me permito
É porque sei o quanto
Tenho de infinito.
A beleza de ser acre-doce
Nutre-me profundamente
Sou Sá- Sou sã
E se casulo já fui
Hoje mais que borboleta,
Sou luz

Solidez

Sou além do que sinto
Sinto além do que vejo
E bem próximo do meu medo
vejo a ginga certa
Sou mulher- alvenaria
Sustento o que projeto
E me edifico em condição ascidental
Sou mulher negra
De corpo e espírito
Refaço minha história todos os dias
Tecendo sonhos
Rolando os dados
Lançando dardos
Jogando os búzios
E reconectando o feminino que há mim

Tereza Sá

Bicho-fêmea

Estou aterrissando. voltando agora e desde que cheguei há algo diferente em mim. Um misto de secreto e proibido a cismar e embora extremamente feliz, sinto-me angustiada, pois não (re)conheço uma nova mulher em mim. Há um misto de contentamento, satisfação e medo. E agora, como direi todas as palavras costumeiras, os questionamentos corriqueiros, o grito desabusado? Sei que tudo está diferente: a música é a mesma, mas há uma nova dança. Inexplicavelmente muitas palavras passaram a ser doces, respirar tornou-se um ato de autorreconhecimento e sorrir é uma satisfação recorrente. Não sei em que me transformei, mas embora goste desse novo jeito de ser, confesso que a maturidade me assusta. Não sei se serei para sempre assim, aliás, já não sei de muita coisa. O inesperado me ronda.

Sei que o simples é mais fácil e, portanto, seria inteligente só ser. Mas neste momento, há uma enxurrada de silêncios que me divagam. Sinto-me etérea. Estou aprendendo a juntar os átomos de mim mesma. Espalho-me, pois já não me caibo.

Tantos desejos vigiam meus pensamentos. Quando as sensações se precipitam, o que digo a este corpo? Não me desespero, mas não me transbordo em calma, nem paciência. Algumas urgências vão se consumando, outras, se resguardando para o momento exato. Estou inundada e como não sei nadar, tenho receios. Receios por esse estágio de lucidez e por entender que a brevidade de tudo é inevitável. Sou bicho-fêmea e não aprendi a esperar. Meu corpo ainda arde e já não adormeço tão fácil.

Tereza Sã

Suficiente

A dor me amadurece
Minha delicia está em recompor-me
A vida me vem em grãos que
Me emprenham,
Me edificam
Me regeneram
Não sou mulher de meias palavras
Nem de fino trato
Se me precipito,
Não desabo
Mas se me desmorono,
Me refaço
Não me justifico, nem me explico
Não sou dessas, nem sou nenhuma
O que não posso reter,
De mim já se esvaiu
Nadar, eu não sei
Mas voar, aprendi faz tempo...

ESPELHO

OUVI O RIO
O RIO OUVI
EU VI O RIO
NO RIO ME VI
EU RIO
ELE RI(-ME)
RIO DE MIM
MAR DE NÓS

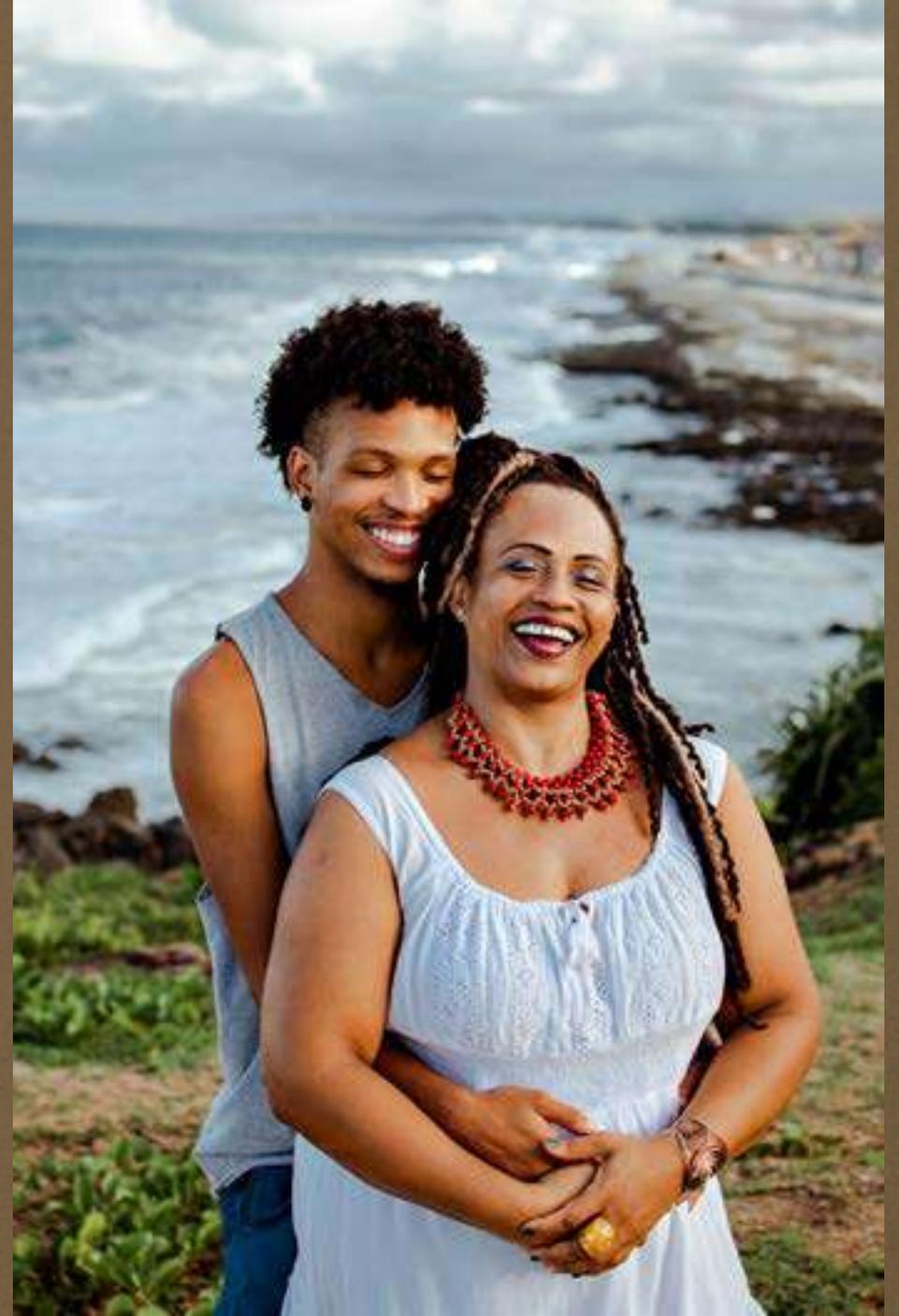
Tereza Sã

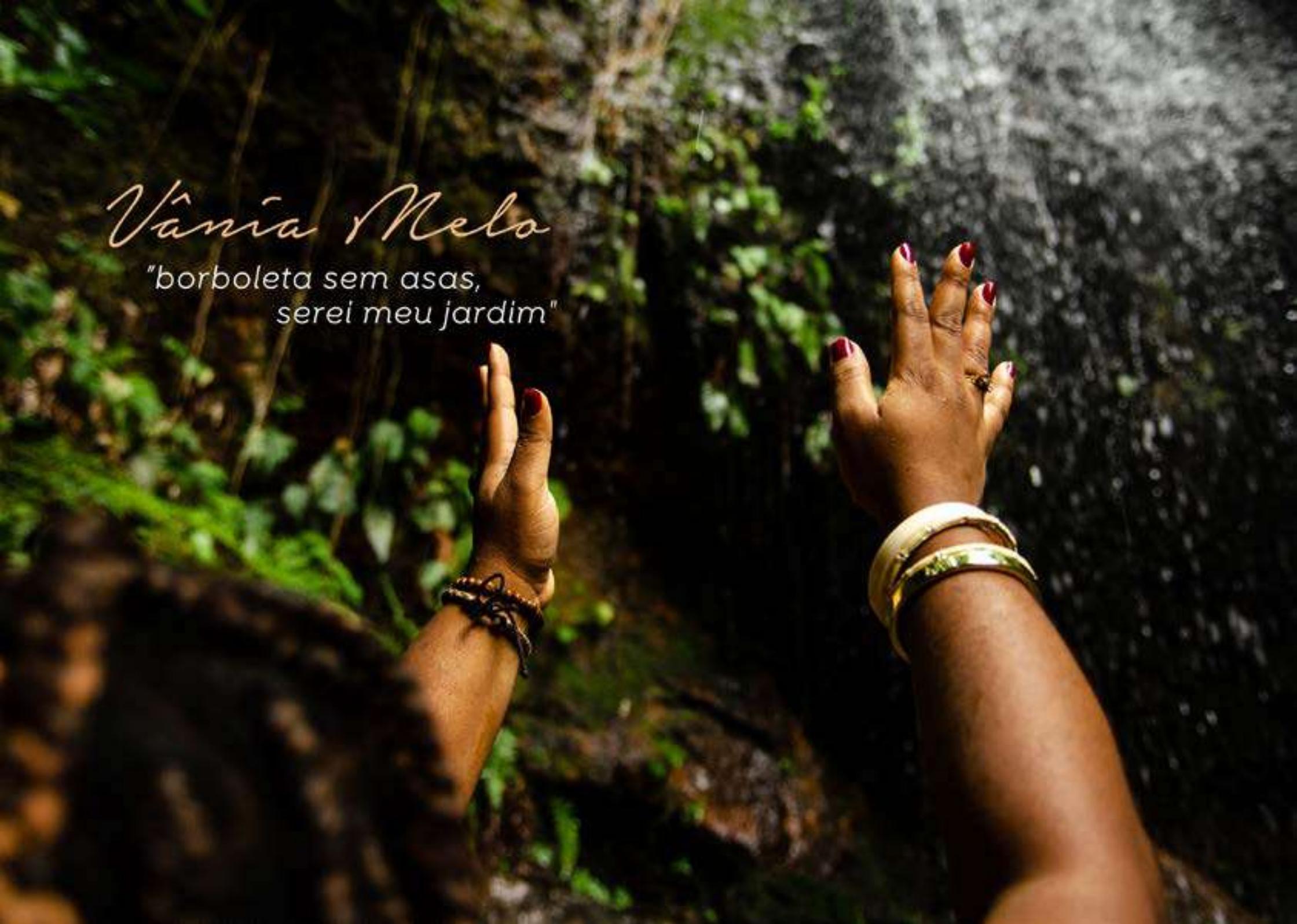
Tereza Sá
por Analtu Nogueira









A photograph of a woman's hands reaching up towards a waterfall in a lush forest. The hands are positioned in the lower half of the frame, with the right hand on the right and the left hand on the left. The right hand is adorned with a ring and several gold bangles. The left hand has a black beaded bracelet. The background is a dark, mossy rock face with water cascading down it, surrounded by green foliage. The text is overlaid in the upper left quadrant.

Vânia Melo

"borboleta sem asas,
serei meu jardim"

Aborto

Minha primeira memória de borboleta
é mantê-la dentro da lata
às vésperas do voo
ainda florlagarta.
O dia a mataria primeiro
não teria fevereiro,
não teria mais nada,
salvei-a do caos,
mantive-a intacta
pré-borboleta morta dentro da lata.

Cobiça

Meu poema não me quer por perto
me tem vazio, frio, deserto
e tanto que me cobiçou
vadio, entregue, eterno.
Despreza agora minha curta vida de borboleta
não me quer poema.
Miséria de menina é acabar a brincadeira
me mandou entrar, largar no meio meu banho
de mangueira...
Não me quer o poema,
logo eu, etérea menina desperta do sonho de
uma vida inteira
também não o quero,
só de birra, não me entrego
até meu próximo voo suicida.
Largarei minhas asas, voltarei lagarta pra vida
recém-morta, mal parida borboleta, vazia
desmemoriada de liberdade, prenhe de agonia.
Serei minha poesia, cobiçarei a mim
borboleta sem asas, serei meu jardim.

Vânia Melo

De Mar

Sonhei que atravessava o mar
Acordei sorrindo por dentro, cantando baixinho,
tecendo versos.
O mar nos habita
Ele é um vestido de luz azul e prata
que o axé costura com ternura e força
pra vestir de amor suas filhas.

Poema para andar pelas veias-ruas de nossas vidas

Quando Exu, dono dos caminhos,
trilha conosco uma única vez,
nunca mais trilhamos sozinhos!

Vânia Melo

Danada

Tô tentando não fazer poema,
mas me inscrevo nisso que demito,
Porque quanto mais evito,
mais recebo e me complico
Me vejo acuada, pressinto
enquanto tento não fazer mais nada,
Tudo o que aceito briga comigo
Inconsequente, consinto.
Permito
Comigo
Umbigo
Danada!
Prevejo
Iminente
Desisto
Doente
Tentando
Presente
Poema
Quente
Rente
Te
E...

Um conto de poema

Uma das maiores sortes da minha vida é não
saber fazer cálculos...
Desde menina, nunca soube contar. Aprendi
com as letras a mensurar os tempos, cadenciar
meus ritmos, entender os prazos em que eu
devia permanecer num dado lugar. Aprendi a
deixar para as letras a tarefa de guardar cada
número com o qual nunca consegui conversar.
Não me permito, desde a cabeça até os pés,
passando pelo umbigo, nada que me fira
qualquer um dos sentidos, sigo...
Deixei com alguma dificuldade o que era
preciso, caminhos, pés, narcisos... deixei que
alguns números sozinhos se contassem, que
levassem o que quisessem consigo, mas que
me deixassem em paz, comigo... Chega de
contagens e calendários, vamos ao amor que
de tão bonito é impreciso, talvez por isso tão
necessário.

Vânia Melo



Vânia Melo

por Brenda Matos







*Yasmin
Morais*

"Glosei o desatino
das matas ferrugíneas"



Andrômedra

Estive acorrentada às rochas
Que à minha carne insólita
Foram talhadas.

Aprisionaram-me a alma em calcários.
Eu, fêmea-abrupta,
Tentei desvencilhar-me ao encaço
De uma noite profunda.

Desejaram manter-me cativa
Em minha própria floresta.
Esqueceram-se de que abrigo
Os portais de Eubeia.

Sou a mítica criança,
Esculpida em mármore negro.
No brandir indômito dos desejos
Edificarei o meu reino.
Assento-me rainha dourada
No trono de uma terra queimada.

Sou das fêmeas que alçam voo
No chifre da África.

Astro

Minha pele envolve-se na noite;
Adorno-me em arrecifes de estrelas;
Teço a carne imberbe em limos cintilantes;
E pertença a ti, que nas fibras de meu pertencimento;
Aloja-se astro, em morada.

Meus pés findáveis tateiam a infinitude das Eras;
Regresso ao teu leito como uma *Adhara* flamejante;
E de todas as amantes,
Reivindico os domínios do teu Céu.

Meu corpo agarra-se à vestígios de tua poeira cósmica;
Tu, que te vais sem hora,
E me deixas rainha-absoluta,
Nos átrios de estrelas nuas;
Cadentes; clementes, de um zelo insone,
E insolente.

Aguardo o regresso, eclosões no Infinito,
De teus lábios, famintos – às *bordas de minha galáxia*.

Yasmin Norais

FOGO E ORVALHO

À relva,
Margaridas e Magnólias,
Adormecem em meu regaço.
Deito-me, absorta de mim mesma,
Neste leito floreado.

Labaredas pueris,
Emergem-me dos quadris.
Das flores,
Despetaladas e primaveris,
Oferecerei groselhas,
Às damas ocultas na Psiquê.

Desbravo anfiteatros,
No Útero das Eras.
Ponho-me primadonna,
A estrear a última peça.
Ateio fogo nos palcos,
As flores, jazem ermas.

Regresso às avenidas,
Afago queridas estrangeiras.
Ao pé da macieira,
Velarei fúnebre,
A mim mesma.

Cetim e Gardênias,
Para o último ato.
Retornarei às minhas Terras,
O próprio Deus empossado.

Yasmin Norais

ASCENSÃO

Minhas pernas estão abertas, inclino a pélvis para a noite escura.

Minhas pernas estão abertas, deito-me sobre os lençóis onde rotineiro, possuías o que flui debilmente de minh'alma quebrantada.

Minhas pernas estão abertas, a vagina está exposta no altar dos teus piores cometimentos, e tu, que amas minhas fendas, mergulha peixe-intruso, nos rios mais límpidos do que teu falo, imundo.

Minhas pernas estão abertas, e tu tentas escavar-me a vulva em lágrimas; acaso, fantasias que sou eu a tua Elisa casta?

Minhas pernas estão abertas, há rios fluindo-me do ventre, calores no topo de Vênus, faíscas incendeiam-te os olhos; o teu desejo esvoaça sobre os pêlos de meu púbis.

Minhas pernas estão abertas, e tu não desejas Elisa. Sequer vês seu reflexo em meu espelho-entrada.

Minhas pernas estão abertas, haverei de afogarte em meus oceanos?

Oh, ousado servente a servir-se de Néctar e Ambrosia, sintas as tuas carnes queimando, em agonia.

As pernas permanecem abertas. Tu queimas.

As pernas permanecem abertas. Tu queimas. Tu queimas nas estalactites, oh, prisioneiro de meu orgasmo.

Teu falo é dilacerado.

Mas, minhas pernas permanecem ABERTAS.

Yasmin Norais

Yasmin Morais

por Andreza Mona











Ficha Técnica



A Luz Bárbara (PB/SP). A artista paraibana Bárbara Santos apresenta-se na performance, na poesia e no mundo digital como A Luz Bárbara. É atriz de carreira, atuou no cinema e no teatro paraibano até migrar para São Paulo em 2014, onde reside e desenvolve projetos coletivos e autorais. Em poesia, Bárbara escreveu e performou para o EP "Leve" de Marina Peralta, divide com Chico César o espetáculo "Camaradas - Fantasia para dueto, camerata, camarim, atentado e passeata", e colabora em saraus como o "Ciranda Jogo de Palavra" e o "Sarau do Peixe", e em shows de diversas artistas parceiras.

Bárbara Uila (BA) é mulher, baiana, poeta, atriz, arte educadora, produtora cultural, mãe de Bernardo e Noémia. Autora de três livretos de poesia "Pelos Bárbaras do Profeta" (São Paulo - 2012); "Rosa dos Ventos" (Cachoeira/Ba - 2016) e "Histórias Forasteiras" (Cachoeira/Ba - 2017); todos publicações independentes produzidos e distribuídos pela autora. Idealizadora do projeto "Irmandade da Palavra: A Voz da Mulher no Recôncavo" e da pequena editora "Cartonera das Iaiá".

Cynthia Barra (BA). Eu me chamo Cynthia, queria dizer. Pronuncio meu nome e deixo-o repousar no ar úmido da noite. Grafia legível de meu corpo nascente e travessia das águas. Eu me chamo Cynthia de Cássia Santos Barra, nascida a poucos metros de onde moro, agora, em Itabuna/BA. Escrevo como respiro. Trabalho na UFSB: ensino, pesquisa, experimentações do ver, poéticas do Livro. Meu Ori é da doce Senhora, Saluba, Nanã.

Daniela Galdino (BA) Poeta, Performer, Produtora Cultural. Publicou "Espaço Visceral" (Ed. Segundo Selo, 2018), "Inúmera/Innumeros" (edição bilíngue, tradução Brisa Aziz, Ed. Mondrongo, 2017), "Inúmera" (1ª ed., 2011, 2ª ed, 2013, Ed. Mondrongo). Participa de diversas antologias literárias, dentre elas "Mulheres, Poetas & Balanas" (Ed. Caramurê, 2018) e "Cartografias/Mapa da Palavra_BA" (FUNCEB, 2016). Idealizadora e Organizadora de Profundaças. Como performer, já atuou no cinema. Tem participado, como escritora convidada, de eventos de grande porte, tais como Flipelô (2018), Festival de Inverno de Garanhuns (2018), FLICA (2017).

Ezter Liu (PE) é escritora. Transeunte da Zona da Mata de Pernambuco. Participou de diversas coletâneas e em 2015 publicou pela Porta Aberta Editora seu primeiro livro solo o "Vermelho Alcalino". Em 2017 foi a grande vencedora do V Prêmio Pernambuco de Literatura com o livro de contos "Das Tripas Coração". Sua produção é parte da atual cena literária do Estado que em tempos difíceis insiste e resiste.

Francisca Araújo (PE) reside em uma comunidade rural situada no município de Iguaracy, no sertão do Pajeú. Seus primeiros escritos começaram por volta dos 14 anos de idade, hoje, participa de eventos de declamação e mesas de glosas. Gosta de escrever sobre o cenário sertanejo, sobre temáticas sociais e também sobre os sentimentos que sua sensibilidade alcança. Já participou de duas coletâneas poéticas e planeja a edição do seu primeiro livro.

Géssyka Santos (RN) nasceu em 1990. poeta que ama a rua e a inquietude. Faz do origami um corpo e do café o sangue. Idealizadora do Café com Arte, Entrepelas, Dirocha Poesia e Estados em Poesia edição Natal-RN. É autora do livro de poemas Autópsia (publicado em 2019).

Isabelly Moreira (PE) nasceu na cidade de São José do Egito, sertão pernambucano. Iniciou os seus trabalhos como declamadora. Autora de vários cordéis, incluindo títulos voltados para a literatura infantil, Belinha, como também é conhecida, publicou em 2017 o seu primeiro livro intitulado "Canta Dores". A poeta é produtora e integrante de projetos culturais e musicais

Joana Velozo (PE). Nascida e criada no Recife, de mãe artista e pai encantador de Curiós. Tem a arte e a criatividade por estilo de vida e a escrita como o fio condutor que dá sentido a tudo. Apaixonada por botânica; estudou arquitetura no Brasil e Ilustração na Espanha, onde reside atualmente. Mulher, estrangeira, artista. Cultivadora de silêncios e espaços vazios.

Jovina Souza (BA). Nasceu no estado da Bahia, mora atualmente em Salvador. A poeta tem três livros publicados e participação em várias coletâneas, entre elas, Cadernos negros números 37,39 e 41. Tem participado ainda, como convidada, em feiras literárias e outros eventos de literatura. Define-se como uma poeta negra. que usa a palavra como mais uma estratégia de combate ao racismo. Contato: mbraw1@hotmail.com e facebook.

Marina Melo (SP) tem 28 anos, nasceu em São Paulo e é cantora. Isto é: ela canta o que escreve. Em 2016, lançou seu primeiro disco, "Soft Apocalypse", e em 2019 lançará seu segundo trabalho, que dessa vez se revela em canção e também em imagem. Marina também é pós-graduanda em Canção Popular, com estudo sobre performance em Itamar Assumpção.

MonaRios (PE). Eu sou a Mona Rios. Sou estudante e professora. 38 anos. Cearense de nascença e ancestralidade; pernambucana e paraibana de coração, força e mente! Sou pisciana e sonho com uma Educação de qualidade e livre! Sonho com a garantia de direitos para todes. Sonho com a liberdade das mulheres, em todas as suas identidades. Eu sonho e luto e nós sonhamos e lutamos juntas! Eu escrevo com raiva e com ingenuidade, também. E que esses Rios comecem com suas andanças.

Mônica Menezes (SE/BA): nasceu em Lagarto, Sergipe, e vive em Salvador há alguns anos. Publicou o livro de poemas Estranhamentos. É professora de Literatura Brasileira do Instituto de Letras da UFBA. Mãe de Sarah Fernandes.

NegrAnória d'Oxum (BA) é o pseudônimo de Maria Anória de Jesus Oliveira, baiana, doutora em Letras, docente do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural/UNEB. Estreou nos Cadernos Negros em 2016. Ano seguinte publicou nas coletâneas: Mulher em Prosa, com o conto Divagações d'outrora; Mulher Poesia, pela Editora Cogito; Outras Carolinas: Mulherio das Letras da Bahia.

Odailta Alves (PE) nasceu do ventre da favela do Recife, é escritora, educadora, atriz, mulher negra, filha de mãe e avós negras analfabetas, mestras de sua vida. É mestra em Linguística pela UFPE. Publicou, de forma independente, em 2016, o livro "Clamor" Negro, que já vendeu 2 mil exemplares e, em 2018, lançou da mesma forma o "Escrevivência" e o "Cativeros de versos".

Odília Nunes (PE) é uma atriz e palhaça do sertão do Pajeú pernambucano. Atualmente vive numa comunidade rural onde desenvolve um projeto chamado NO MEU TERREIRO TEM ARTE, a partir do qual leva espetáculos até o pátio da frente das casas dos seus vizinhos. Escreve suas inspirações em forma de poemas, contos, crônicas mas a maior busca e paixão é colocar sua poesia no Teatro.

Paula Santana (PE) é socióloga, professora, escritora, feminista e agitadora cultural. Da periferia do Recife, buscou nas ciências sociais respostas para algumas inquietações e sentimentos ambíguos. Nessa vereda, encontrou questões. Na contramão, estuda, edita e publica zines e livros cartoneros. De andada, a estrada se tornou mote. Atualmente morando no Sertão do Pajeú, a mirada inventiva foi regenerada. Olhar periférico à máxima potência. Busca ativa pela descolonização da mente, do corpo, da alma e da poesia.

Raiça Bomfim (BA). Raiça move-se no campo das artes como criadora, produtora e professora, transitando entre performance, teatro e literatura. É mestra e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA. Coordena, juntamente com Olga Lamas, o território de articulações artísticas intitulado Gameleira Artes Integradas. Tem quatro livros lançados - "10 Pontes" (2011), "O que é uma casa?" (2012) e "12Lâminas" (2013), os três em parceria com Vânia Medeiros e a Conspire Edições - e "Sete saltos para se afogar" (2017), publicado numa parceria entre a editora Pipoca Press e o Festival de Ilustração e Literatura Expandido, além de ter poemas seus publicados nas Coletâneas "Outras Carolinas - Mulherio Da Bahia" (2017), da Editora Penalux, e "Mulheres Poetas e Baianas" (2018), da Editora Caramurê.

Tatiana Dias Gomes (BA), filha de Solange e de Pedro. Nasceu em Feira de Santana e lá viveu até os vinte e poucos. Hoje, com 37 anos, mora em Salvador, mas antes passou por Senhor do Bonfim e Rio de Janeiro. É assessora jurídica popular e professora da Universidade Federal da Bahia, a única mulher negra de sua unidade, a Faculdade de Direito.

Tereza Sá (BA), mulher negra, Ilheense, filha de Tereza Soares de Sá, que afirmava não ter "alisado o banco das Ciências", mas dotada de profunda sabedoria, e Eléus Leonardo de Sá, professor de Esperanto, dos quais herdou a coragem de encarar a vida e a paixão pela poesia. Professora, militante do Movimento Negro Unificado, Poeta e Atriz. Graduada em Letras/Espanhol e Pedagogia (UESC). Especialista em Leitura e Produção Textual e Educação e Relações Étnico-raciais (UESC). Mestranda em Ensino e Relações Étnico-Raciais (UFSB). Participou do concurso de poesia da Revista Brasília, que lhe rendeu o prêmio da categoria "destaque" e a publicação coletiva no livro Valores Literários do Brasil, Volume XV(1992). O sonho é seu maior patrimônio.

Vânia Melo (BA) nasceu e vive em Salvador entre-gue a Oxum e seus cuidados. Graduada em Letras Vernáculas e mestranda no Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, ambos pela UFBA. É professora de Literatura e Língua Portuguesa. Em 2011, publicou seus primeiros poemas na coletânea "Sangue Novo: 21 poetas baianos do século XXI". Especialista em História e Cultura Afro-brasileira e guardada por Benedito Preto Velho, teve, em 2012, poemas inéditos lançados na coletânea afro-brasileira "Cadernos Negros - vol.35". Em 2015 publicou novamente poemas inéditos no primeiro volume da Revista Organismo. Em 2018 lançou seu primeiro livro solo pela editora Organismo: "Sobre o breve voo da borboleta e suas esquinas" e segue escrevendo.

Yasmin Moraes (BA) é uma escritora e atriz baiana, discente em Comunicação na Universidade Federal da Bahia e ex Diretora de Combate ao Racismo do DCE 2018 da UFBA. Em 2017, estreou no teatro com a peça De Ponta Cabeça: Baobá e tornou-se integrante do projeto literário Escritoras Negras da Bahia. Escreve para a revista QG Feminista na plataforma Medium. Em 2018, deu origem ao projeto feminista digital, intitulado Vulva Negra. Integrante da antologia literária Tributo aos Orixás, publicada pela Darda Editora, a autora também possui um blog literário intitulado Minha Doce Paranoia, onde publica seus contos, poemas e crônicas.



Álvaro Severo (PE). é cria dos Sertões. Jornalista graduado pela UFPE. Contribui com imagens para diversos jornais, revistas, livros, mostras, mídias digitais e bancos de imagens. Dedicou-se em facilitar oficinas de despertar do olhar fotográfico e cinematográfico com membros de comunidades isoladas e vulneráveis. Participou de debates durante o festival de cinema de Contis/França, no CES (Centro de Estudos Sociais), Universidade de Coimbra e Casa do Brasil em Lisboa/Portugal. Algumas experiências cinematográficas: O som da luz do trovão - 2005, Na quadrada das águas perdidas - 2010, O gigantesco imã - 2014, Manchik - 2014, Luanda, em Preto e Branco - 2015, O silêncio da noite é que tem sido testemunha das minhas amarguras - 2016, Nova Iorque - 2018.



Analú Nogueira (BA). Fotógrafa nascida e baseada em Ilhéus - BA, 25 anos. Graduada em Comunicação Social - Rádio e TV pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Atua como fotógrafa em Ilhéus e região; acompanha grupos de pessoas em viagens, documentando vivências e relações interpessoais. Além disso, faz freelance em eventos institucionais e sociais. Nos últimos anos, vem se dedicando a estudar e trabalhar com retratos femininos, de casais e de família. Site profissional: www.analunogueira.com.br



Andreza Mona (BA) é a versatilidade em pessoa, como boa geminiana que é. Mulher negra, essa soteropolitana quer ter o mundo como quintal de si. Fotógrafa, videomaker e social media, formou-se em Comunicação Social pela Universidade Estadual de Santa Cruz, e em seus trabalhos busca a valorização da mulher, da cultura afro-diaspórica e luta por um mundo mais igualitário. Em 2017 criou o projeto "Elekô: um processo de descolonização da mulher negra", que levanta uma reflexão sobre a identidade da mulher negra através de uma narrativa visual, destacando aspectos sobre as formas de expressão identitária e orgulho dos cabelos e traços corporais.



Ângelo Azuos (PE). "Fotografar tem sido minha profissão há oito anos. E por meio deste ofício, exerço umas das maiores paixões. Já fotografei de tudo: objetos, lugares, espetáculos, comida..mas foi com pessoas que me encontrei na fotografia. Além disso, fiz alguns freelancers (sempre voltado à fotografia) com audiovisual: entre os mais importantes, pra mim, " O Bem virá", meu primeiro longa-metragem produzido no Sertão de Pernambuco (Afogados da Ingazeira) minha terra. Flickr : <https://www.flickr.com/photos/azuosxfotografias> Instagram : @azuosx



Brenda Matos (BA), 26 anos, atualmente se encontra fotógrafa, comunicóloga e produtora audiovisual. Formada em Comunicação Social pela UESC, sempre teve na veia e no coração aquele instinto de empreender e assim seguiu criando projetos e tirando suas ideias do papel para a vida. Criou em 2016 o projeto EUNUA – para trabalhar o empoderamento das mulheres através da fotografia, naturalizando o corpo feminino através do nu artístico. Hoje se encontra imersa numa antiga paixão chamada: café. E utiliza de todas as suas ferramentas audiovisuais para dar a potência que seu negócio itinerante de café especial precisa.



Diego Mallo (Espanha). Espanhol, formado em Belas Artes pela Universidade de Barcelona com extensão no Reino Unido. Artista visual e ilustrador; trabalha em editorial, imprensa, publicidade e infantil. Selecionado em 2018 e 19 na Summer Exhibition da Royal Academy of Arts (Londres, UK) e na exposição de ilustradores da Feira de Bolonha em 2019. Ministra cursos de ilustração, desenho e criatividade em diversos centros de formação artística em Barcelona.



Eline Luz (BA), nascida em Itabuna, aos 28 anos é uma forasteira em Vitória da Conquista. Formada em Comunicação Social (UESC), no momento comunicadora no cotidiano e fotógrafa nas experimen-

tações e questionamentos. A fotografia entrou em sua vida cedo e se transformou em uma forma de observar e possível para se expressar. Acredita na necessidade de um mundo de uma outra forma para alcançar as mais diversas possibilidades de existência. Reivindica-se comunista, busca no passado e no presente os passos das mulheres na construção de nossa história e da mudança necessária. Com as surpresas que é estar neste mundo, segue construindo novas relações com a fotografia, às vezes com lastros do que já foi.



Fafá Araújo (BA). A trajetória do pedagogo e fotógrafo Fafá Araújo é marcada por sua vasta experiência no campo da militância por questões raciais. O seu interesse pela fotografia apareceu depois que tomou consciência da necessidade de pensar a construção de um discurso imagético que contemplasse a existência do negro sem estereótipos, entendendo também que a beleza negra deve ser exaltada a fim de garantir que negras e negros se amem.



Laís Catalano Aranha (SP) artista visual que trabalha principalmente com mídias baseadas em lentes, como fotografia, vídeo e arte multimídia. Sua principal pesquisa é direcionada para o intercâmbio de linguagens artísticas e como elas podem influenciar-se mutuamente para criar trabalhos interdisciplinares que tragam um tom político e reflexivo do tempo em que vive.

A dança, a música e a performance têm grande influência no seu processo criativo. Formada em Comunicação Social pela ESPM, SP, 2008, passou por uma temporada em Nova Iorque, EUA, onde estudou fotografia e arte contemporânea na School of Visual Arts e New York University e teve a oportunidade de trabalhar no mercado norte-americano antes de fundar o próprio estúdio em São Paulo, onde vive e trabalha atualmente.



Luísa Medeiros (RN). A fotógrafa Luisa Medeiros dedica toda sua vida à construção de uma comunicação multiplicadora de vozes de novos protagonistas. Possui um projeto intitulado "O Belo Disforme", no qual retrata por meio do nu artístico a beleza existente em todos os corpos. "Enquanto eles vendem as formas que nos enquadram, enquanto eles capitalizam o padrão... eu socializo a beleza".



Maria Ruana (PE). Maria Ruana é fotógrafa há mais de 10 anos, tem pós-graduação em Geopolítica e história na FIP e estudou fotografia na UFPE. Entre os trabalhos culturais, destacam-se as exposições fotográficas "Cotidiano" na UFPE e "Depois que a feira termina" no Sesc-Triunfo. Atua com ensaios pessoais e cobertura de eventos em geral. Instagram profissional @mariaruanaphotography.



Mariana Souto (PE), 28 anos, é uma fotógrafa olindense, graduada em Odontologia pela Universidade de Pernambuco (UPE), que exerceu a profissão de dentista por apenas um ano e decidiu ir em busca de um ofício que a permitisse dar vazão à criatividade que transbordava pelos poros. Apenas em 2018, a fotografia deixou o lugar de hobby, que já ocupava há cinco anos, para se tornar profissão. Atualmente, trabalha e vem se especializando em retratos



Mylena Sousa (RN/SP). Demorei a entender minha relação com a fotografia, sempre foi algo tão presente que inconscientemente internalizei a ideia de que meu olhar tinha força. Aprendi a respeitá-lo; gosto de colecionar memórias, usar a fotografia como poesia, reafirmando a beleza na maneira como enxergo a vida e os encontros.



Nathália Miranda (BA), 34 anos, fotógrafa radicada em Salvador-Bahia, atuando também no campo do cinema. É bruxa e mãe de 3 gatos. Costura e plantas são suas paixões. Trabalha profissionalmente como fotógrafa há dez anos. Os trabalhos que participou foram selecionados em diversos estados brasileiros. Como fotógrafa realizou expedições fotográficas pela Bahia e pelo Brasil, formou extenso banco de imagens de suas festas e manifestações

populares, culturais e religiosas. Possui vasto trabalho autoral, artístico e experimental. Atualmente desenvolve linguagem em investigações fotográficas relacionadas ao universo do sagrado feminino.



Nathália Tenório (PE). 22 anos. Fotógrafa. De Brejão/PE. Atualmente residindo no Recife/PE. Artista de um olhar político em constante processo de mudança e aprendizado. Buscando sempre experimentar o simples e o natural das coisas. @nathaliaftenorio



Renata Pires (PE) é fotógrafa residente em Arles, França. Integrou o Programa de Residência de Pesquisa e Criação na ENSP Arles (2015-2017) e está finalizando o mestrado de Práticas de Exposição na Escola de Belas Artes de Nîmes. Sua abordagem artística busca compreender as diferentes questões em torno da representação do self, o self feminino, sob o prisma da colaboração. Através do encontro com mulheres ao seu redor, auto-retrato em seu sentido mais amplo surge como uma forma de escrita e de contar histórias. Esses encontros levantam questões pessoais e íntimas, inerentes à diversas questões humanas e femininas.



Sarah Fernandes (BA). Nasceu em Salvador. É formada em Comunicação Social e trabalha como fotógrafa e designer. Teve fotos publicadas nos livros "Estranhamentos" (Editora P55, 2010) e "O chão que em mim se abre" (Penlux, 2016).



Sílvia Leme (BA). Artista Visual, inspirada por singularidades do cotidiano e afeto, encontrou na Cachoeira - BA solo fértil para florescer a sensibilidade. Professora e aprendiz, a fotografia se tornou a linguagem com que melhor traduz seus sentimentos e sobre o que melhor divide conhecimentos. Trabalha especialmente com projetos artísticos e culturais brincando com a luz na fotografia e audiovisual.



Tacila Mendes (BA). Concebida no antológico carnaval de 1985 e nascida escorpiana, é filha das águas de Ilhéus. Formou-se em Rádio e TV pela UESC, onde também fez especialização em Audiovisual e em Gestão Cultural. Há dez anos respeitou um insistente chamado interno para atuar na divulgação de uma narrativa positiva para a Cultura e para as áreas sociais na sua região. Assim, desde 2009 vem trabalhando em assessoria de comunicação e no marketing cultural de diversos projetos socioculturais. Atuou na Ascom da SECULT Bahia, em Salvador, e hoje é gerente de Comunicação do Instituto

Nossa Ilhéus. Embrenhou-se pela música e nela atua como cantora no grupo Mulheres em Domínio Público, mas também compõe para projetos particulares. Inventou um curso de fotografia para iniciantes (Mão na Máquina).



Tom Correia (BA) nasceu em Salvador. Escritor-fotógrafo com formação em jornalismo, possui diversas publicações e uma trajetória híbrida que envolve projetos em fotografia de rua e literatura. Além de ter publicado os volumes de contos "Memorial dos medíocres", "Sob um céu de gris profundo" e "Ladeiras, vielas & farrapos", ele já participou de residências no Instituto Sacatar (Itaparica) e no Hangar Centro de Investigação Artística (Lisboa). Sua série "UnBlack Lisbon – A invisibilidade do negro na fotografia portuguesa" foi apresentada no 2º Colóquio da Fotografia Baiana e fez parte de exposições coletivas. Foi curador da Festa Literária Internacional de Cachoeira por duas edições. Mais: www.tomcorreia.com.br



Me chamo **Uiana Moura (BA)**. A fotografia me escolheu quando eu tinha 18 anos e não fugi, fui atrás de conhecimento e quando me vi, já estava morando sozinha na grande São Paulo, logo eu, que nunca havia pensando em sair da casa dos meus pais, muito menos aos 18. Hoje, com 35 anos sigo a minha saga de aprender mais e mais porque acredito na arte, acredito no seu potencial da mesma para o movimento social. A minha arte continuarei mostrando através da fotografia.



Sou **Yalli Borges (PE)**, sou estudante das ciências das naturezas, aprendo a fotografar instantes pelo encantamento, pela doçura e por me manter em equilíbrio. Registro as sutilezas do "ser" que vive, que se expressa cotidianamente, silenciosamente ou até politicamente... E já tem um tempo que a fotografia me captura, já tem um tempo que eu busco me revelar, já tem um tempo que os instantes se eternizam em mim também.

Sobre a Fotógrafa Homenageada

(capa, páginas-guia, páginas de transição)



Nátali Yamas (BA) é itacareense, filha das folhas e das águas, uma jovem mulher negra que (r)existe através das artes. Bacharela em Comunicação Social (UESC), atua como fotógrafa e produtora audiovisual independente, empreendedora autônoma na Yamas Fotografia (@yamas.foto), visa com o seu trabalho o fortalecimento da identidade e representatividade, reconstruindo narrativas visuais sobre seu povo, sobretudo, sobre as mulheres negras.



Organizadora/Produção
Daniela Galdino (BA)



Produção - Edson Bastos (BA). Especialista em Audiovisual pela UESC (Ilhéus-BA) e Graduado em Cinema e Vídeo pela FTC (Salvador-BA). Curador do FECIBA – Festival de Cinema Baiano (06 edições); diretor do curta Joelma (Melhor curta eleito pelo público no Festival Mix Brasil 2011).

Produtor Executivo do curta O filme de Carlinhos. Dirige o longa Dr. Ocride e desenvolve o longa Joelma (Prodav 05). No Teatro, dirigiu Joelma (Argentina e Alemanha e mais 200 apresentações no Brasil). Sócio-diretor da Voo Audiovisual.



Produção - Henrique Filho (BA). Graduado em Comunicação Social na UESC (Ilhéus-BA). Dirigiu O filme de Carlinhos (2014) – mais de 30 festivais nacionais e internacionais, participante da Short Film Corner do 68th Festival de Cannes, indicado ao Grande Prêmio do Cinema

Brasileiro e vencedor de 08 prêmios, incluindo Melhor Filme, Melhor Direção e Melhor Ator no Curta Vale 2014, além de Melhor Filme de Ficção no 4º Macaé Cine, Melhor Curta de Ficção no I Festival de Cine de los Cerros Valparaíso 2014 (Chile). Sócio-diretor da Voo Audiovisual.



Designer - Otávio Rêgo (PE) Recifense, arquiteto não praticante e publicitário por mais de duas décadas. É especialista em Design pela UFPE, e desde 2017 está assessor de comunicação em um mandato popular na câmara municipal do Recife.



Assessoria de Imprensa - Elisiane Matos (BA). Elis Matos é "cria" da Universidade Estadual de Santa Cruz, licenciada em Filosofia e bacharela em Comunicação Social, especialista em Gestão Cultural e mestra em Linguagem e Representações. Pesquisadora, cronista e palestrante feminista, lançou a tag

#ondeofeminismomechamaeuvoe vai! Aprendeu a sonhar uma vida justa até as últimas consequências...



Assessoria de Imprensa - Iajima Silena (BA). Mulher negra, candomblecista. Apesar da desigualdade racial e social é primeira pessoa da família materna a acessar o ensino superior e se formou Comunicóloga (UESC). Natural de Itabuna, reside em Salvador onde atua como

produtora audiovisual e teatro, dentre outras ações. Se interessa por arte e cultura e em especial pelas criações artísticas e culturais do povo negro nas Américas. Deseja ter um exercício profissional comprometido em disseminar o entendimento sobre a diversidade social, sexual, étnica, religiosa e de gênero, pois sabe da importância desse reconhecimento para a garantia de direitos e bem estar das maiorias sociais historicamente excluídas.



Assessoria de Imprensa - Lucirley Alves (PE).

É jornalista e professora. Atualmente está cursando Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde também exerce a função de professora substituta. Nos últimos anos, prestou assessoria de comunicação para projetos culturais, como o TeArte, o Visto o que é meu!, Studio Tear e a Mostra Mundaú de Canções. Tem atuado junto à Aldeia Tear - coletivo de artistas do agreste pernambucano.



Assessoria de Imprensa - Duda Viana (BA) é uma multiartista graduada em Rádio e TV (UESC-BA). Migrou para São Paulo (2015) para estudar Cenografia e Figurino na SP Escola de Teatro. Entre 2016 e 2018 com o Coletivo Solto desenvolveu Ador-Ador, uma peça teatral performática acerca de relacionamentos abusivos. Esse mergulho artista lhe proporcionou convites para colaborar em outros grupos teatrais debatendo feminismo e reacender um antigo interesse: a fotografia. Agora, como um meio de retratar a presença/ausência da mulher cis e trans em espaços políticos/artísticos, como na Manifestação das mulheres contra Bolsonaro no Largo da Batata e o 1º Festival Transversalidades da Casa Chama (SP).



Redes Sociais - Dandara Galdino (BA).

Dandara nasceu em Itabuna, uma cidade sem muitas opções de lazer e cultura, porém isso não a impediu de se inserir em produções culturais como observadora

ou colaboradora voluntária. Atualmente ela é graduanda em Comunicação Social na UESC (Universidade Estadual de Santa Cruz) e tem como objetivo trabalhar na área do cinema. Também atua como modelo.



Redes Sociais - Laísa Eça (BA). Produtora e cantora, graduada em Comunicação Social pela UESC, Ilhéus-BA. Ainda durante a graduação, começou a se interessar pelo trabalho na área da cultura, cantando em shows, espetáculos e performances em diversas cidades do interior da Bahia.

Atua hoje na capital baiana como produtora de audiovisual e de projetos culturais. Desde então, acumula experiências trabalhando em projetos como festivais de cinema e festivais multi-artísticos, curta-metragem de ficção, documentários, séries para TV, videocliques, espetáculos de dança e teatro e mais recentemente vídeos para ensino à distância.



Bibliotecária - Eva Dayane (BA). Eva Dayane Jesus dos Santos é Mestranda em Ciência da Informação pelo Instituto de Ciência da Informação na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Especialista em Gestão Governamental pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2015). Bacharel

em Biblioteconomia e Documentação pelo Instituto de Ciência da Informação na Universidade Federal da Bahia (2010). Atualmente atua como bibliotecária na Biblioteca da Faculdade de Arquitetura na Universidade Federal da Bahia. Tem experiência com formação de auxiliares de biblioteca. Colaboradora de Profundanças desde 2017.

Agradecimento ao **Ilê Axé Nzo Dandalunda Omo Ofarogy** (Itacaré-BA) na pessoa de **Mãe Nanganze (Dona Neuza)** por permitir a realização das fotografias na Festa de Iemanjá 2019 (que renderam essa homenagem à fotógrafa **Nátali Yamas**) e ilustram a capa e páginas de transição do Profundaças 3.

Álefe Albuquerque (assistente de produção, make) pela colaboração ao ensaio fotográfico de Odailta Alves.

À **comunidade do bairro Santo Amaro** (Recife-PE) pela resistência e colaboração ao ensaio fotográfico de Odailta Alves.

Devyd Santos (assistente de produção) pela colaboração ao ensaio fotográfico de Isabelly Moreira.

Dona Maria Rezadeira (locação e ensinamentos para a vida) pela colaboração ao ensaio fotográfico de Bárbara Uila.

Fernanda Leite (make e cabelo) pela colaboração ao ensaio fotográfico de Marina Melo.

Heloísa Faria (figurino) pela colaboração ao ensaio fotográfico de Marina Melo.

Josie Rodrigues (produção) pela colaboração ao ensaio fotográfico de Marina Melo.

Mery Lemos e **Juliano Holanda** (locação) pela colaboração ao ensaio fotográfico de Ezter Liu.

Axs Funcionárixs do Parque São Bartolomeu – Salvador (BA) – pela colaboração ao ensaio de Vânia Melo.

Fran, pelo afeto que ensina um corpo a se deixar amar pelo olhar; **Josane Santos Mendes (dona Jô)**, pelo afeto que encoraja o ensaio fotográfico de cynthia cy barra.

Larissa Batista (produção artística) pela colaboração ao ensaio de MonaRios.

Luan Bencos pela presença luminosa e afeto no ensaio de Teresa Sá.

Ébano Bencos pelo afeto e presença imaterializada no ensaio de Teresa Sá.

Luiz Carlos de S. Santos, pelas contribuições valiosas antes e durante o ensaio de NegrAnória d´Oxum.

A **Dandara Galdino** e **Natalia Iskiv** pela direção de cena e coreografia do ensaio de Daniela Galdino.

A **Walter Gaspar** por abrir o coração da casa e da mata para o ensaio de Daniela Galdino

Outros Agradecimentos

“ [...] O que temos a dizer nestes tempos de violência racial e de gênero que se associam aos ataques fascistas? Quais palavras brotam da nossa labuta diária quando o cotidiano é atravessado por incontáveis tentativas de aniquilamento das esperanças? Quais imagens podem representar as nossas formas de re-existência? [...] ”

ISBN 978-85-68836-02-6



9 788568 836026

